



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – **UFPB**

CENTRO DE CIÊNCIAS LETRAS E ARTES – **CCHLA**



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – **PROLING**

JUDITHE GENUÍNO HENRIQUE

A INFLUÊNCIA DA REFLEXIVIDADE VERBAL NO PROCESSAMENTO ANAFÓRICO

João Pessoa/PB
2016

JUDITHE GENUÍNO HENRIQUE

A INFLUÊNCIA DA REFLEXIVIDADE VERBAL NO PROCESSAMENTO ANAFÓRICO

Dissertação apresentada ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba-UEPB, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Teoria e Análise
Linguística
Linha de pesquisa: Processamento
Linguístico

Orientadora: Prof^a Dr^a *Rosana Costa de Oliveira*

(UEPB)

João Pessoa/PB
2016

Dissertação apresentada ao corpo docente
do Programa de Pós-Graduação em
Linguística (PROLING) da Universidade
Federal da Paraíba-UEPB, como requisito
parcial para obtenção do título de Mestre em
Linguística.

H519i Henrique, Judithe Genuíno.

A influência da reflexividade verbal no processamento
anafórico / Judithe Genuíno Henrique.- João Pessoa, 2016.
89f. : il.

Orientadora: Rosana Costa de Oliveira

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHL

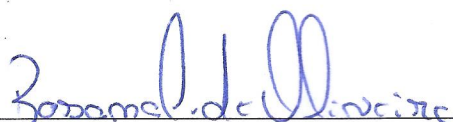
1. Linguística. 2. Teoria e análise linguística.
3. Reflexividade. 4. Anáfora. 5. Aceitabilidade.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

Dissertação intitulada “A INFLUÊNCIA DA REFLEXIVIDADE VERBAL NO PROCESSAMENTO ANAFÓRICO” defendida por Judithe Genuíno Henrique em (data), foi aprovada pela banca examinadora constituída pelos professores:

BANCA EXAMINADORA



Prof^a Dr^a Rosana Costa de Oliveira - UFPB
Orientadora

NOTA _____



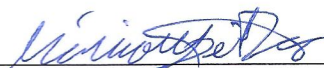
Prof. Dr. José Ferrari Neto – UFPB
Examinador

NOTA _____



Prof. Dr. Eduardo Kenedy Nunes – UFF
Examinador

NOTA _____



Prof. Dr. Márcio Martins Leitão – UFPB
Suplente

NOTA _____

Prof^a Dr^a Dorothy Bezerra Silva de Brito – UFRPE
Suplente

NOTA _____

*O tempo altera todas as coisas; não existe razão para que a língua escape a essa lei
universal.*

Ferdinand de Saussure

*A minha avó - in memoria,
por inspirar-me a nunca desistir dos meus sonhos e por quem eu
sempre terei admiração!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me conceder saúde, sabedoria e força para realizar tamanho trabalho. Minha imensa gratidão, também, a minha mãe, Maria, por estar sempre presente intercedendo por meus anseios e amando-me incondicionalmente.

Sou imensamente grata a minha orientadora Rosana Costa, que acima de tudo é uma pessoa que admiro imensamente, por sua simplicidade de enxergar a vida e pela facilidade de compreender todos que a cercam. Obrigada por suas orientações, seja na vida acadêmica ou mesmo fora dela, pelo companheirismo e cumplicidade durante todos esses anos. Terás eternamente a minha gratidão!

Meus eternos agradecimentos ao professor Ferrari, por estar sempre presente e solícito a qualquer dúvida que surgisse, como também na produção dos experimentos deste trabalho e na própria composição do texto. Muitíssimo obrigada!

Aos professores Márcio Leitão e Dorothy Bezerra, por suas contribuições interessantíssimas, meu muitíssimo obrigada!

Meus agradecimentos aos meus pais, a minha mãe, Simone, por seu apoio incalculável, seus conselhos admiráveis e sua força. Ao meu pai, Antonio, pelo apoio de qual ordem fosse e por sempre me fazer acreditar que o conhecimento é o melhor caminho. Os amo!

Agradeço a minha irmã, Maria Victória, por seu carinho, conselhos, paciência, cumplicidade, admiração e seu amor incondicional diante de tudo que pretendo realizar em minha vida. Amo-te!

Agradeço ao meu namorado, Fábio Áquila, por sempre participar dos meus experimentos, por incentivar e acreditar no meu caminho acadêmico e por estar presente em todos os momentos de angústias e alegrias desse processo. Amo-te!

Ao meu primo, Henrique José, por suas palavras sábias, por sua motivação, sua amizade e por ser tão presente nas horas em que mais precisei! O meu muito obrigada!

Meus agradecimentos aos meus tios e primos, em especial: a minha tia e madrinha Solange, tia Sonia, tio Belarmino, Jader, Jansen e Viviane, que sempre me impulsionaram para frente e apoiaram as minhas decisões em toda a minha vida acadêmica.

Aos amigos do Laprol (Laboratório de Processamento Linguístico), meus agradecimentos pelas orientações, cumplicidade e amizade durante toda essa caminhada acadêmica, em especial: Elioenai, Matheus, Lorena, Flávia, Nathalia e Gitanna.

Aos meus amigos da vida, Helen, Manu, Rany, Junior, Katy, Camila, Karol, Dayana, Jesbson, Paulinha, Jana, Walleska e Vinicius, por sempre acreditarem nos

meus sonhos, por entender meus momentos de ausência e por me amar, assim como sou! Amo vocês!

Sou grata também a todos os funcionários do Proling e DLCV e por todos os professores do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba, em especial: Denilson Matos, Josete Marinho, Leonor, Bernadete, Gláucia e Arturo que contribuíram direta ou indiretamente para a construção deste trabalho.

E, por fim, meus agradecimentos ao CNPQ, por financiar esta pesquisa.

RESUMO

A pesquisa elaborada neste estudo investiga a reflexividade verbal e seu papel no processamento anafórico. No intuito de verificar quais verbos são considerados mais aceitáveis na leitura de sentenças contendo as anáforas *a si mesmo(a)* e *se*, realizamos três testes de julgamento de aceitabilidade, *offline*, com falantes nativos do português brasileiro. Utilizou-se da noção de reflexividade proposta por Reinhart & Reuland (1993), que predizem que a reflexividade é uma propriedade dos predicados, bem como dos trabalhos de cunho funcionalista de Christiano (1993) e Mello (2008), pois estes estabeleceram uma classificação mais categórica para os verbos com características mais reflexivas, dividindo-os em três níveis: primário - penteou, secundário – sentou - e terciário – acusou - de acordo com o seu grau de reflexividade. Os resultados encontrados no primeiro teste com as anáforas *a si mesmo(a)*, *se* e os verbos dos três níveis de reflexividade evidenciaram que a anáfora *se* foi considerada mais aceitável, independentemente do tipo de verbo. Diante desses resultados realizamos mais dois testes com vistas a comprovar a possível influência verbal. No segundo teste utilizamos os mesmo verbos do primeiro teste experimental e a anáfora *se*, no intuito de encontrar evidências da influência verbal. Os resultados tangenciaram para a influência, apenas, do tipo de verbo secundário aliado a anáfora *se*. Assim, realizamos um terceiro teste de julgamento de aceitabilidade utilizando somente o verbo secundário e a ausência e presença da anáfora *se* e observamos um efeito significativo do tipo de verbo secundário quando este estava na presença da anáfora *se*. De modo geral, os resultados encontrados evidenciaram que a propriedade da reflexividade pode estar presente tanto na anáfora como no predicado, assim como afirma Reinhart & Reuland (1993).

PALAVRAS-CHAVE: Reflexividade; Anáfora; Aceitabilidade.

ABSTRACT

The research conducted in this study investigates the verbal reflexivity and its role in the anaphoric process. In order to determine which verbs are considered more acceptable in reading sentences containing the anaphora *a si mesmo(a)* and *se(self)*, it was held three offline acceptability judgment tests with Brazilian Portuguese native speakers. It was used the concept of reflexivity proposed by Reinhart & Reuland (1993) which predicts that the reflectivity is a property of predicates as well as the functionalist nature of the work of Christiano (1993) and Mello (2008), as they established a higher rating categorical for verbs with more reflective characteristics, dividing them into three levels; primary – penteou (combed), secondary – sentou (sat) - and tertiary – acusou (accused) - according to their degree of reflexivity. The results found in the first test with anaphora *a si mesmo(a)*, and *se*, and the three verbs with the three levels of reflexivity showed that the anaphora *se* was considered more acceptable, regardless of the verb type. With these results, we conducted two tests in order to verify the possible verbal influence. In the second test using the same verbs of the first experimental test and the anaphora *se*, in order to find evidences of the verbal influence. The findings toward to the influence only of the secondary verb combined with anaphora *se*. Thus, we conducted a third trial acceptability test using only the secondary verb and the absence and presence of anaphora *se* and we observe a significant effect of the secondary verb type when it was in the presence of anaphora *is*. In general, the results showed that the property of reflexivity may be present both in the anaphora as the predicate, and says Reinhart & Reuland (1993).

KEYWORDS: Reflexivity; Anaphora; Acceptability.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quadro apresentado por Reinhart & Reuland (1993) sobre as propriedades referenciais de anáforas e pronomes.....	26
Tabela 2: Grupos verbais e níveis de reflexividade.....	33
Tabela 3: Ocorrências do pronome reflexivo pelos níveis de reflexividade.....	36
Tabela 4: Escala de marcação: a frequência dos níveis.....	36
Tabela 5: Taxas de comportamento para ‘se’ e ‘ele mesmo’	49
Tabela 6: Exemplos das sentenças utilizadas no teste.....	56
Tabela 7: Comparação entre as Condições - Teste de Qui-Quadrado do Experimento 1.....	59

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição dos Julgamentos por Condição (absolutos).....	58
Gráfico 2: Comparação dos julgamentos entre o tipo de verbo e a anáfora ‘a si mesmo(a)’	60
Gráfico 3: Comparação dos julgamentos entre o tipo de verbo e um sintagma nominal.....	60
Gráfico 4: Comparação dos julgamentos entre o tipo de verbo e a anáfora ‘se’	61
Gráfico 5: Comparação entre as respostas de todas as condições.....	64
Gráfico 6: Comparação dos julgamentos entre o tipo de verbo.....	65
Gráfico 7: Comparação dos julgamentos entre as condições CSE e SSE.....	66
Gráfico 8: Comparação dos julgamentos ‘mais aceitáveis’ e ‘aceitáveis’ com relação ao tipo de verbo e a presença e ausência do se.....	66
Gráfico 9: Comparação os julgamentos ‘pouco aceitáveis’, ‘menos aceitáveis’ e ‘não aceitáveis’ em relação ao tipo de verbo e a presença e ausência do se.....	67
Gráfico 10: Comparação dos julgamentos entre todas as condições.....	70
Gráfico 11: Comparação dos julgamentos entre as condições SecCSE e SecSSE.....	71
Gráfico 12: Comparação dos julgamentos entre as condições SecCSE e Controle.....	71
Gráfico 13: Comparação dos julgamentos entre as condições SecSSE e Controle.....	72

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 Revisão Teórica	18
1.1 Anáforas <i>se/ a si mesmo(a)</i>	18
1.2 Noções de Ligação e Reflexividade	19
1.3 Teoria da Ligação (<i>Binding Theory</i>)	19
1.4 Reflexividade (<i>Reflexivity</i>)	25
2 Estudo descritivo dos verbos reflexivos	28
2.1 CHRISTIANO (1991)	28
2.2 MELLO (2008)	35
3 Estudos em Processamento	38
3.1 Estudos em língua inglesa	39
3.2 Estudos em Português brasileiro	47
4 EXPERIMENTOS	55
4.1 Experimento 1	55
4. 1.1 Método	55
4. 1. 2 Materiais	56
4. 1. 3 Participantes	57
4. 1. 4 Resultados e Discussão	57
4. 2 Experimento 2	61
4. 2. 1 Método	62
4. 2. 2 Materiais	62
4. 2. 3 Participantes	63
4. 2. 4 Resultados e Discussão	63
4. 3 Experimento 3	68
4. 3. 1 Método	68

4. 3. 2 Materiais.....	68
4. 3. 3 Participantes.....	69
4. 3. 4 Resultados e Discussão.....	69
5 DISCUSSÃO GERAL	73
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	78
APÊNDICE.....	81
Apêndice 1: Frases experimentais.....	81
Apêndice 2: Termo de Livre Consentimento.....	86
ANEXO.....	87
Anexo 1: Tabelas experimentais do primeiro experimento.....	87
Anexo 2: Tabelas experimentais do segundo experimento.....	88
Anexo 3: Tabelas experimentais do terceiro experimento.....	89

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é investigar a reflexividade verbal e o seu papel no processamento anafórico. Traçaremos um percurso teórico desde a Teoria da Ligação (Ligação (*Binding Theory*, CHOMSKY, 1981, 1986) de cunho gerativista – que visa explicar sintaticamente a referenciação de anáforas e pronomes – até os estudos da Teoria da Reflexividade (Reinhart & Reuland, 1993)¹, que trouxeram uma nova interpretação para a Teoria da Ligação, afirmando que a reflexividade é uma propriedade dos predicados e não dos nominais como prediz Chomsky (1981, 1986). Adiante elencaremos alguns trabalhos que trazem tanto a abordagem sintática de Chomsky (1981), como trabalhos envolvendo a influência verbal no processamento e aquisição anafórica e pronominal.

De modo geral, investigaremos se somente a informação referente a atuação dos princípios de ligação é a única que estabelece a correferência de expressões anafóricas, ou se esse processo é afetado por outros fatores, como a semântica verbal.

Muitos estudos, tanto na língua portuguesa quanto em outras línguas, buscam aproximar as teorias linguísticas dos estudos psicolinguísticos. Trabalhos que envolvem processamento anafórico na língua inglesa como os de Nicol & Swinney (1989) e os de Oliveira et al. (2012), no português brasileiro, investigaram a atuação dos princípios estruturais da Teoria da Ligação e encontraram resultados que apontam somente a influência de questões sintáticas no processamento das anáforas. Outros trabalhos apontam tanto a influência de questões estruturais quanto semânticas no processamento e aquisição da linguagem como os estudos de Grolla (2012) e Lacerda (2014). Nos estudos de Grolla (2012) foram encontradas influências da semântica verbal na aquisição da expressão anafórica ‘ele mesmo’, assim como no trabalho de Lacerda (2014) investigando os diferentes tipos de retomadas [se, nulo e ele(a)]. Por meio de um experimento *online*, Lacerda (2014) encontrou evidências que comprovaram a influência do tipo de verbo no processamento dessas estruturas com anáforas reflexivas.

Foi a partir desses trabalhos que surgiu a necessidade investigativa de pesquisar o processamento anafórico, com ênfase nas anáforas ‘a si mesmo(a)’ e ‘se’, aliadas a

¹ De agora em diante R&R

verbos com características reflexivas como “penteou”, “banhou” e “vestiu”, por exemplo, e observar se a semântica verbal influencia no processamento anafórico.

Para embasar nossa pesquisa realizamos três testes de julgamento de aceitabilidade. Os três testes foram *offline*, sendo o primeiro apresentado em uma folha A4 e os dois últimos desenvolvidos no Google Forms. Os experimentos realizados no Google Forms foram apresentados aos participantes na tela do computador. Cada participante respondia o seu teste e logo em seguida clicava na opção ‘enviar’, que garantia o envio para o *email* solicitado. Os três testes, *offline*, buscavam estabelecer qual verbo da língua portuguesa seria mais aceitável na presença de anáforas e sintagmas nominais, tendo como critério para classificação desses verbos os trabalhos de Christiano (1991) e Mello (2008).

Apostamos na premissa de que a referenciação não se constitui, apenas, de fatores sintáticos como prediz Chomsky (1981), mas que fatores semânticos podem atuar na interpretação de sentenças reflexivas. Diante do postulado, possuímos como hipótese inicial a de que os verbos primários, de acordo com a nomenclatura estabelecida por Christiano (1991) e Mello (2008), serão considerados mais aceitáveis para os falantes nativos do português brasileiro, bem como acreditamos que este tipo de verbo irá influenciar no processamento anafórico.

Nosso trabalho foi dividido em 4 capítulos. O primeiro capítulo apresenta um breve apanhado dos modelos teóricos que nortearam nossa pesquisa, o primeiro deles a Teoria da Ligação (CHOMSKY, 1981), em seguida a Teoria da Reflexividade (REINHART & REULAND, 1993), trazendo uma reformulação dos Princípios A e B apresentados na teoria anterior.

O segundo capítulo aborda dois trabalhos de cunho descritivo, de base funcionalista. O primeiro, Christiano (1991), irá apresentar uma reformulação das estruturas da língua portuguesa tradicionalmente chamadas de ‘pronominais’ ou ‘reflexivas’, já que nas gramáticas da língua portuguesa essa descrição não é feita tão detalhada como o necessário. O segundo estudo, Mello (2008), busca reunir, relacionar e organizar em grupos os diversos usos do ‘se’ com função reflexiva, nos mais variados tipos de textos, visando estabelecer as funcionalidades estabelecidas por essa partícula

no discurso. Esses trabalhos foram selecionados pelo fato de apresentarem uma nomenclatura mais precisa para os verbos ditos reflexivos, já que nos trabalhos de processamento e aquisição de pronomes e anáforas a utilização dos verbos com características reflexivas foi feita intuitivamente surgindo, assim, a necessidade de se estabelecer o grau de reflexividade desses verbos, para posteriormente confirmar a sua influência no processamento sentencial.

Como forma de apresentar como se comporta o processamento anafórico, trazemos no capítulo três alguns trabalhos envolvendo o processamento interssentencial e intrassentencial, tanto na língua portuguesa como na língua inglesa.

O capítulo quatro retrata os experimentos trazendo os materiais que foram usados, bem como os participantes, design experimental e procedimentos. As discussões sobre os resultados e expectativas serão apresentadas no capítulo cinco.

Para finalizar teceremos algumas considerações importantes sobre os resultados encontrados neste estudo no capítulo seis.

1. Revisão Teórica

1.1 Anáforas *se/ a si mesmo(a)*

Muitas são as noções de expressões anafóricas existentes na literatura. Uma delas é aquela apresentada nas gramáticas tradicionais, nesta não temos uma definição precisa para o que a Teoria Gerativa denomina de anáfora, muitas a definem como pronomes reflexivos ou recíprocos, apenas. Na gramática tradicional de Celso Cunha & Lindley Cintra (2013), por exemplo, os pronomes reflexivos são definidos da seguinte forma:

Quando o objeto direto ou indireto representa a mesma pessoa ou a mesma coisa que o sujeito do verbo, ele é expresso por um PRONOME REFLEXIVO. O REFLEXIVO apresenta três formas próprias – *se, si e consigo* –, que se aplicam à 3.ª pessoa do singular como à do plural (...). (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 293).

Essa definição é um tanto limitada para o que aqui iremos considerar por anáfora, portanto usaremos especificamente a noção de anáfora formulada pela Teoria Gerativa. Para isto partiremos dos postulados de Noam Chomsky (1981, 1986), que estuda a anáfora como sendo um constituinte que remete a outro já presente na sentença, como podemos observar na fala de Kenedy (2013):

Quando um novo constituinte de uma frase refere-se a (ou tem a mesma referência de) outro constituinte já citado na sentença ou no discurso, denominamos esse novo constituinte de *anáfora*.

Dito isto, será considerado, neste trabalho, a definição de anáfora usada pela Teoria Gerativa. É importante saber que a teoria Gerativa não define apenas as anáforas, mas todas as relações de referência que existem entre os DPs². Esses DPs são as anáforas, pronomes e expressões-R. As anáforas são os elementos que possuem interpretação reflexiva (*se, ele(a) mesmo(a), a si mesmo(a)*) e recíproca (*um com o outro, um no outro*) necessitando sempre de um antecedente para manter referência. Os pronomes como os plenos (*ele(a)*) são os que possuem independência relativa com relação ao seu referente. Já as expressões referenciais (*o João, a menina da biblioteca*) possuem independência, não havendo qualquer necessidade de um antecedente.

²Sintagma determinante, do inglês *determiner phrase*.

1.2 Noções de Ligação e Reflexividade

Apresentaremos nesta seção duas teorias. Primeiramente trataremos das noções da Teoria da Ligação (*Binding Theory*, CHOMSKY, 1981), iniciando com os princípios desta teoria, para adiante apresentar como ocorre a ligação da teoria Gerativa com o enfoque psicolinguístico estabelecido pelos trabalhos de cunho intrassentencial e interssentencial.

Com vistas a ir além dos aspectos puramente sintáticos da Teoria da Ligação, apresentaremos, posteriormente, a teoria da Reflexividade (R&R, 1993), que visa explicar a referenciação por meio da predicação sentencial. Mediante esta teoria conseguiremos subsidiar os resultados encontrados na atual pesquisa.

1.3 TEORIA DA LIGAÇÃO (*Binding Theory*)

A Teoria da Ligação (*Binding Theory*, CHOMSKY, 1981), tem como objetivo estudar as relações correferenciais dentro do escopo da sentença. Esta teoria busca fornecer subsídios que dêem conta de organizar e explicar como nossa cognição estabelece a referenciação de expressões nominais e pronominais. Para isto, Chomsky (1981) postulou três princípios, sendo eles:

(1) Princípio A – Uma anáfora deve ser presa no seu domínio de ligação.

Princípio B – Um pronome deve ser livre no seu domínio de ligação.

Princípio C – Uma expressão R – referencial deve ser livre.³

Quando nos referimos a domínio de ligação ou domínio de regência, estamos estabelecendo o limite que contém a anáfora e seu antecedente, ou seja, o menor XP⁴ que contém a anáfora. Com relação a definição de ligação temos o seguinte esquema formulado por Chomsky (1981):

(2) Ligação:

³Binding Principles (CHOMSKY, 1986)

A. An anaphor must be A-bound in its binding domain.

B. A pronominal must be A-free in its binding domain.

C. An R-expression must be A-free.

⁴Projeção Máxima.

A se liga B se e somente se

- (i) A c-comanda B;
- (ii) A e B são co-indexados.

O Princípio A, referente às anáforas reflexivas, como o *se*, por exemplo, e anáforas recíprocas, como *um ao outro*, afirma que uma anáfora deve estar ligada por um antecedente que esteja a c-comandando e em seu domínio local. Entendemos por c-comando a noção sintática de vínculo entre dois constituintes. De acordo com Kenedy (2013):

(3) α c-comanda β se e somente se:

α é um constituinte diferente de β

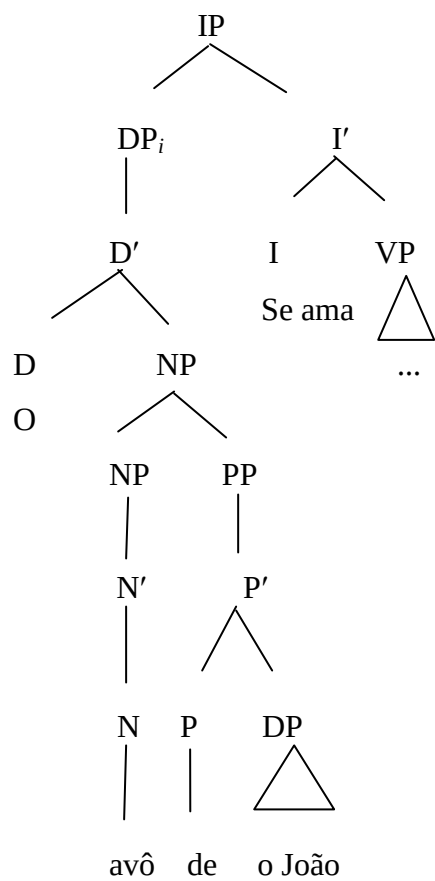
α não domina β

β não domina α

todo nóduo sintático que domina α também domina β .

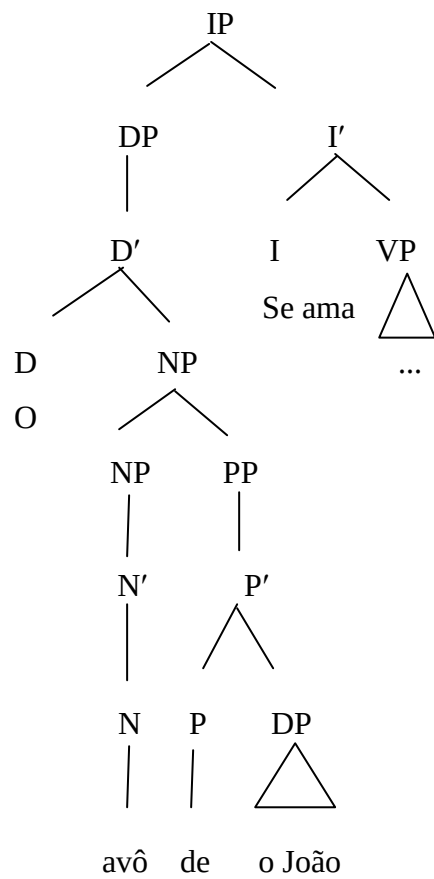
Vejamos os exemplos abaixo (4) a (7) e seus respectivos diagramas arbóreos:

(4) [O avô do João]_i ⁵se_{i/*k} ama.

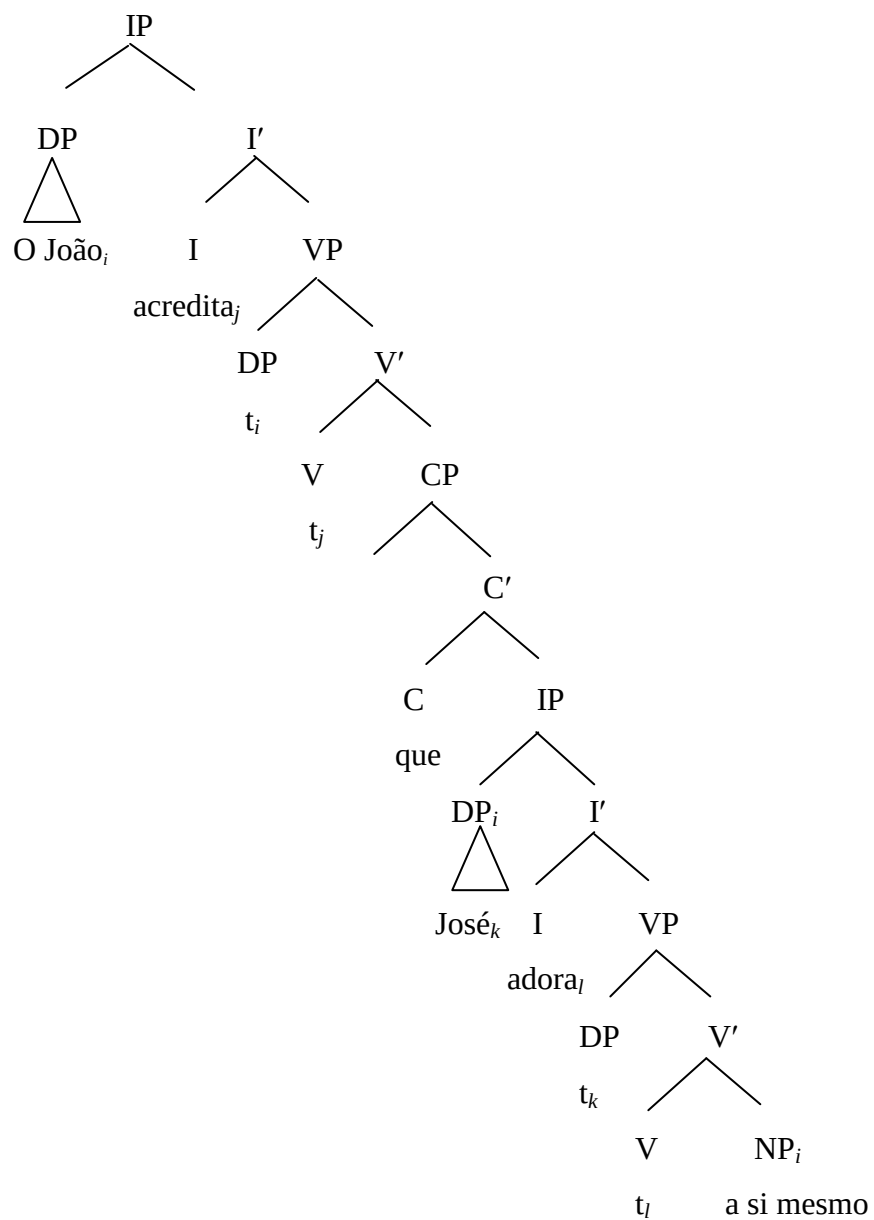


⁵Índice de indexação.

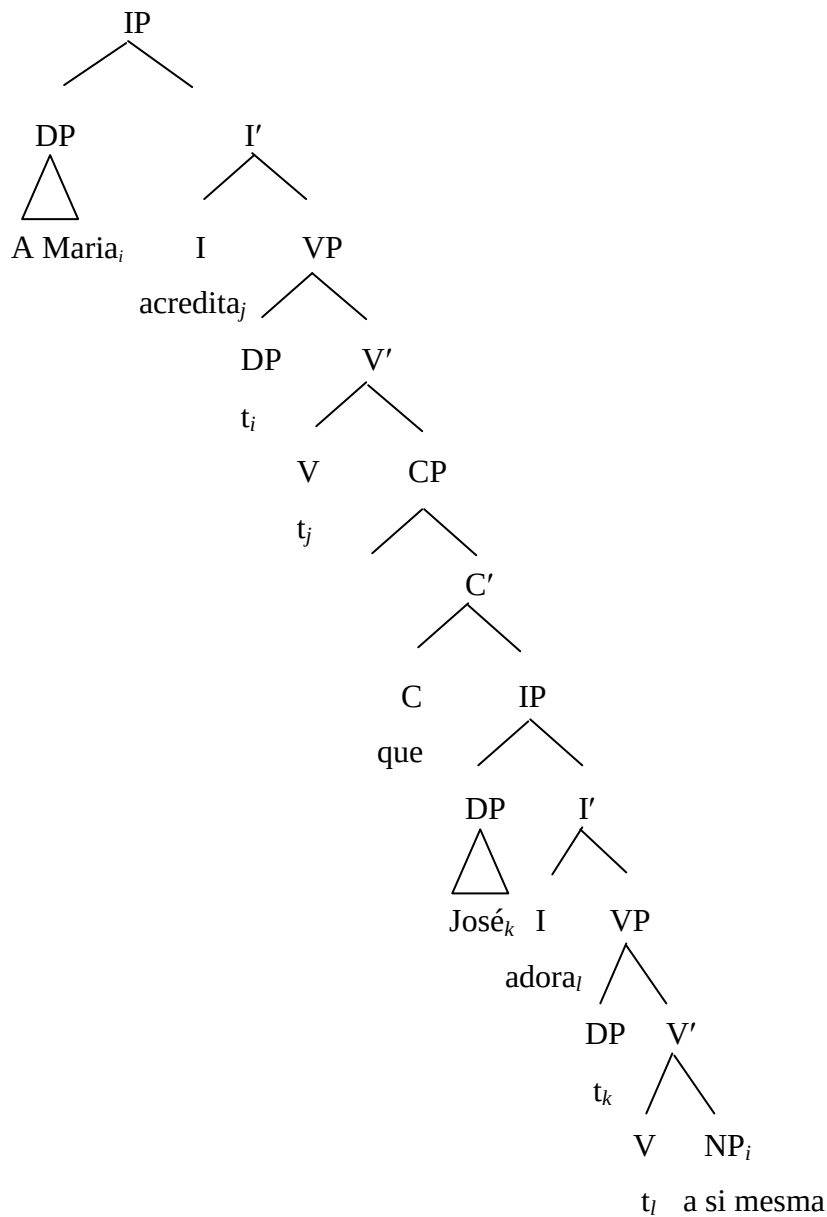
(5) * O avô d[o João]_i se_i ama.



(6) O João acredita que José_i adora a si mesmo_i.



(7) * A Maria_i acredita que José adora a si mesma_i.



No exemplo (4), o DP “O avô do João” é o antecedente da anáfora “se”, assim o DP “O avô do João” está c-comandando a anáfora “se”, diferentemente do que ocorre em (5), nesta não temos uma relação de c-comando, pois o DP “o João” não está c-comandando a anáfora “se”. Observe que na oração (6), os antecedentes o “João” e o “José” estão c-comandando a anáfora “a si mesmo”. O que está divergindo a oração (6) da (7) é a relação de localidade. Na oração (7), o antecedente exequível para a anáfora está fora de seu domínio de localidade, o que deixa a oração agramatical.

O Princípio B defende que todo pronome deve ser livre em seu domínio de vinculação, ou seja, o pronome e seu antecedente não podem estar na mesma sentença. Analisemos os exemplos a seguir:

- (8) a. [Carol_i pensa que [Maria vestiu ela_i com a blusa.]]
b. *[Carol pensa que [Maria_i vestiu ela_i com a blusa.]]

A sentença (8a) é totalmente gramatical, pois o seu antecedente está fora do domínio de ligação do pronome. Já a sentença (8b) é agramatical, em termos da Teoria da Ligação, pelo fato do pronome “ela” ser correferente a “Maria”, quando na verdade dever-se-ia usar uma anáfora no lugar do pronome, como o “se”, por exemplo.

O Princípio C rege as expressões-R, e propõe que elas devem ser livres em todas as ocorrências, isto é, elas não irão depender de um antecedente, pelo fato de possuírem características referenciais. Como podemos observar no exemplo abaixo:

- (9) O Pedro observou o Carlos no evento.

Com o intuito de trazer uma nova visão a respeito da Teoria da Ligação, R&R (1993) apresentam uma abordagem que explica a distribuição complementar entre anáforas e pronomes. Esta teoria prediz que a reflexividade é uma propriedade dos predicados e não dos nominais como afirma Chomsky (1981, 1986) trazendo, assim, uma outra ótica para os Princípios A e B (*Binding Theory*, CHOMSKY, 1981). Veremos adiante como esta proposta se define.

1.4 REFLEXIVIDADE (*Reflexivity*)

Diante do que foi postulado pela Teoria da Ligação (CHOMSKY, 1981; 1986) a respeito das condições A e B, R&R (1993) propuseram duas teorias: a Teoria da Reflexividade dos predicados e a Teoria de Cadeias, ambas como forma de realizar uma nova interpretação para a Teoria da Ligação.

Os autores iniciam seu trabalho fazendo uma divisão dos tipos de expressões anafóricas lexicais, classificando-as em pronomes, que se realizam em posição de DP, e anáforas, sendo estas subdivididas em: Anáforas SE, que são consideradas como anáforas simples e que podem estabelecer ligação à distância, e Anáforas SELF, que ao

se ligarem a um elemento pronominal, são consideradas compostas e locais, não podendo ligar-se à distância. Neste tipo de anáfora lexical, “o morfema SELF em si não possui propriedades referenciais (nem traços), que geralmente estão presentes no elemento pronominal ao qual ele se combina” (BRITO, 2011).

Para estabelecer uma distinção entre as propriedades referenciais de anáforas, pronomes e expressões-R, R&R (1993) realizaram uma divisão com relação à adoção de traços para cada elemento, conforme podemos observar na tabela abaixo:

	<i>Anáforas SELF</i>	<i>Anáforas SE</i>	<i>Pronome</i>
<i>Reflexividade</i>	+	-	-
<i>Independência referencial</i>	-	-	+

Tabela 1: Quadro apresentado por Reinhart & Reuland (1993) sobre as propriedades referenciais de anáforas e pronomes.

R&R (1993) afirmam que a marcação dos itens lexicais está ligada ao traço [$\pm$ R]. Quando temos um item como [+R], significa que este possui traços de pessoa, número, gênero e caso, se não possuir esses caracteres, se torna [-R], conforme apresentado na tabela acima. Percebemos que, para R&R, tanto as anáforas SE como os pronomes são [-R] sendo, portanto, menos reflexivizadores do predicado ao qual estão inseridos.

Assim, R&R (1993) predizem que a reflexividade é uma propriedade dos predicados e para isto propõem duas condições:

- (10) Condição A: Um predicado marcado – sintático - reflexivo é reflexivo.
 Condição B: Um predicado reflexivo – semântico - é marcado reflexivo.⁶

O predicado pode ser reflexivo: se nele dois de seus argumentos forem coindexados, ou se possuírem um verbo lexicalmente reflexivo em relação ao argumento indexado, ou ainda, se um dos argumentos indexados é uma anáfora SELF.

⁶Binding Conditions (R&R, 1993)

Condition A: A reflexive-marked – syntactic - predicate is reflexive.

Condition B: A reflexive – semantic - predicate is reflexive-marked.

A condição A prediz que quando existe no predicado a coindexação entre a anáfora e seu argumento, bem como este argumento já está marcado lexicalmente, o predicado é reflexivo.

A condição B afirma que os coargumentos de um predicado que não possuem a propriedade de serem intrinsecamente reflexivos, só podem ser coindexados quando um dos argumentos for uma anáfora SELF, assim o predicado é marcado reflexivo pela presença deste tipo de anáfora.

Observemos a sentença apresentada por R&R (1993) abaixo:

(11) Max₁ criticized himself₁.⁷

Nesta sentença o predicado é reflexivo e reflexivo marcado. Reflexivo porque os dois argumentos estão coindexados e reflexivo marcado pelo fato da presença do traço SELF na anáfora ‘himself’.

Como podemos perceber, o comportamento de expressões anafóricas para R&R (1993) não está relacionado às restrições dos Princípios de Ligação (CHOMSKY, 1981), mas esta relação acontece pela reflexividade dos predicados, bem como pela Condição de Cadeia.

A Condição geral de Cadeia prediz que:

*A máxima de cadeia A ($\alpha_1, \dots, \alpha_n$) contém exatamente um link- α_1 -que é tanto + R e caso-marcado.*⁸

R&R (1993, 1995) afirmam que em uma cadeia-A, o antecedente estando na posição mais alta da cadeia e sendo especificado para traços-*f* e para Caso estrutural, as posições coindexadas com o antecedente também serão subespecificadas ou para traços- *f* ou para Caso estrutural.

Segundo a hipótese de Lacerda (2014), os pronomes não poderiam ser coindexados porque seriam completamente especificados para os traços mais relevantes e violariam esta condição.

Diante dos modelos teóricos apresentados, Teoria da Ligação (*Binding Theory*, CHOMSKY, 1981, 1986) e a Teoria da Reflexividade (Reinhart & Reuland 1993,

⁷ Max criticou ele mesmo.

⁸ A maximal A-chain ($\alpha_1, \dots, \alpha_n$) contains exactly one link- α_1 -that is both +R and Case-marked.

1995), observamos que possuem diferentes perspectivas que abordam a resolução da referência de anáforas e pronomes, e como se fazem imprescindíveis nos estudos que regem tanto fatores sintáticos como semânticos.

Partindo do que foi postulado por R&R (1993) a respeito da noção de reflexividade e de sua propriedade do item intrinsecamente marcado no léxico, no caso, o verbo, deixar a sentença reflexiva, decidimos verificar até que ponto a reflexividade verbal afeta na leitura de sentenças contendo anáforas.

Assim, por não haver uma delimitação precisa, tanto nas gramáticas tradicionais como nos trabalhos em processamento, do que podemos considerar por verbos de natureza reflexiva, na próxima seção traremos trabalhos de cunho funcionalista que realizaram uma divisão categórica para os verbos considerados reflexivos, sendo esta a divisão utilizada na pesquisa em questão.

2 ESTUDO DESCRITIVO DO VERBO REFLEXIVO

O objetivo geral da nossa pesquisa é verificar quais verbos possuem características mais reflexivas para futuramente utilizarmos esses verbos no processamento correferencial das anáforas ‘a si mesmo(a)’ e ‘se’. Diante disso, os trabalhos apresentados nesta seção realizaram um estudo descritivo dos tipos de verbos reflexivos. O foco em descrever estes dois trabalhos está em apresentar uma nova classificação para os verbos com características reflexivas, uma vez que nos estudos em processamento e nas gramáticas tradicionais não temos uma definição exata para esse tipo de verbo.

2.1 CHRISTIANO (1991)

Christiano (1991) realizou uma pesquisa descritiva e propôs uma reformulação para as gramáticas tradicionais, em busca de trazer um estudo mais detalhado para estruturas da língua portuguesa tradicionalmente chamadas de ‘pronominais’ ou ‘reflexivas’. Para realizar tal estudo, Christiano (1991) toma como base as relações sintáticas e semânticas entre o verbo e a correlação que este mantém com os outros elementos que compõem a oração, fazendo uma reanálise dos verbos ‘reflexivos’, assim como dos pronomes correferenciais ‘reflexivos’ e ‘recíprocos’.

Christiano (1991) toma como base de sua pesquisa três importantes propostas, sendo elas: “A Teoria dos Casos Profundos” mais conhecida como “A Gramática dos Casos”, de Charles Fillmore (1968), que busca explicar como ocorrem as relações sintático-semânticas entre o verbo – predador – e os nomes – casos – que acompanham o verbo. O modelo de Chafe (1970), que “(...) enfatiza a centralidade da semântica e a proeminência do verbo na estrutura semântica.” (CHRISTIANO, 1991, p. 61). E, por fim, aponta o modelo matriz de Cook (1972), pelo fato deste fazer uma união equilibrada dos estudos de Fillmore e Chafe, propondo por meio de uma perspectiva mais semântica um redimensionamento da Teoria dos casos.

O início do estudo relata uma revisão histórica a respeito das vozes do verbo, para adiante apresentar a relação entre as estruturas reflexivas e a voz medial. Diante desse estudo, Christiano (1991) reanalisa a reflexividade verbal e propõe um novo modelo para as construções pronominais ou reflexivas, tomando como base a Gramática dos Casos.

Christiano (1991) realiza uma divisão dos verbos em grupos e sub-grupos conforme suas características sintáticas e semânticas, com o objetivo de estabelecer “generalizações que expressem uma motivação para a ocorrência ou não do pronome reflexivo” (CHRISTIANO, 1991, p 115.). Diante desta classificação também estabelece níveis para a ‘voz reflexiva’, apresentados posteriormente.

O erro apontado por Christiano (1991), cometido pelos gramáticos, está na classificação e definição superficiais dadas aos verbos reflexivos, pois considerar esses verbos como acidentalmente pronominais, apenas, como é o caso da maioria das gramáticas tradicionais ou, apenas, como reflexivos não é suficiente para compreendermos seus aspectos sintáticos e semânticos. Outro aspecto apontado por ela como falha nos estudos dos verbos reflexivos é a forma de agrupá-los na mesma categoria sem que eles o pertençam.

Para tanto, Christiano (1991) faz uma análise mais profunda para os verbos reflexivos e propõe uma divisão desses verbos em nove grupos e alguns sub-grupos.

O primeiro grupo possui como verbo padrão irritar/irritar-se. Segundo Christiano (1991), esses verbos são de experimentação, pelo fato da causa ou o efeito sofrido pelo

sujeito não estarem expressos no verbo e o pronome, nesses casos, ser considerado como marca de recessividade. Podemos observar com mais clareza o que foi dito quando ela afirma:

“(...) experimentação (*aborrecer-se, amedrontar-se, irritar-se, ofender-se, etc*), o pronome é marca de recessividade e indica que o verbo é causativo, havendo, conseqüentemente, a possibilidade da existência de um causador externo ao processo, ausente nessas realizações; mas o pronome realça, ao mesmo tempo, o fato de que o sujeito Experienciador, interior ao processo, é o elemento que “cumpre algo que se cumpre nele”. Apesar desse realce, o marcador reflexivo *se*, com verbos dessa natureza, não tem correspondente na EP (...)”.

(CHRISTIANO, 1991, p. 127-128).

O que é importante deixar claro, a respeito dos verbos que fazem parte deste grupo, é que eles não são reflexivos e o *se* é chamado de ‘pseudo-reflexivo’, isso acontece pelo fato da causatividade ser um fator externo ao processo ocorrido na sentença. As características que compõem esse grupo são: o tipo verbal básico é o de experiencial de ação derivado de ação-processo; o pronome *se* é dito pseudo-reflexivo e a forma verbal básica é a transitiva.

Tomando como base os trabalhos de Filmore (1968) e Chafe (1970), Christiano (1991) aponta alguns verbos como exemplos desse grupo verbal. São eles: abalar, afligir, aborrecer, alegrar, amedrontar, etc.

O verbo padrão do segundo grupo é *queixar-se*. Os verbos desse grupo são caracterizados como verbos de ação, como também verbos de natureza dicendi, isto é, verbos declarativos. Porém este grupo é subdividido em dois, pelo fato de possuírem funções casuais distintas. No primeiro grupo se encaixam verbos como: *queixar-se*, *expressar-se*, *gabar-se*, *lamentar-se*, *lastimar-se*, entre tantos outros e, no segundo grupo temos verbos como: *acusar-se*, *condenar-se*, *confessar-se*, *culpar-se*, *desculpar-se*, etc.

Podemos observar a diferença na subdivisão do segundo grupo quando apontamos suas características. No primeiro sub-grupo temos: o tipo verbal básico receptivo de ação, a forma verbal básica transitiva e o pronome *se* não correferencial, ou seja, enfático. No segundo sub-grupo temos: o tipo verbal básico é o receptivo de ação-processo, a forma verbal básica transitiva e o pronome *se* correferencial e reflexivo.

O grupo verbal três possui como verbo padrão *pentear/pentear-se*. Nesse grupo os verbos são de ação-processo e precisam que haja na estrutura um nome que tenha

função de agir e um nome afetado pelo praticante verbal. Os verbos que se comportam da mesma forma que pentear são: levantar-se, sentar-se, arremessar-se, dirigir-se, mudar-se, vestir-se, afastar-se, erguer-se, etc. Esses verbos possuem as seguintes características: o tipo verbal é de ação-processo, tendo valor bivalente, o pronome *se* é correferencial e reflexivo e a forma básica é transitiva.

O quarto grupo possui como verbo padrão ajoelhar/ajoelhar-se. Os verbos que fazem parte deste grupo são considerados monovalentes, pelo fato de ocorrer um apagamento do nome afetado, ou seja, esses verbos passam por uma derivação deprocessiva, em que um verbo que era de ação-processo se torna apenas de ação. Seguindo o mesmo padrão de ajoelhar-se podemos citar verbos como: calar-se, casar-se, deitar-se, levantar-se, sentar-se, etc.

As características presentes nesse grupo verbal são: o tipo verbal básico de ação-processo intrínseco de valor monovalente, o pronome *se* é correferencial e reflexivo (facultativo) e a forma verbal básica é transitiva.

Representando o quinto grupo verbal temos o verbo padrão laçar/lançar-se. Esse grupo verbal é subdividido em dois grupos. Um grupo é caracterizado como aquele que o verbo necessita de um locativo para manter uma relação de lugar. Já o segundo grupo se caracteriza por não precisar desse locativo, como ocorre com o verbo aproximar-se, por exemplo.

As características desse grupo verbal são: o tipo verbal básico é o locativo de ação-processo, o pronome *se* é correferencial e reflexivo e a forma verbal básica é transitiva.

O sexto grupo é representado pelo verbo achar/achar-se. Esse grupo se caracteriza por apresentar, segundo Christiano (1991), verbos que trazem uma noção de opinião ou julgamento. Os verbos que seguem o mesmo padrão que achar são: acreditar-se, considerar-se, dizer-se, imaginar-se, julgar-se e etc.

Os verbos que fazem parte deste grupo são compostos pelas seguintes características: o tipo verbal básico é de ação-processo, o pronome *se* é correferencial reflexivo e sujeito da estrutura encaixada e a forma verbal básica é transitiva.

O sétimo grupo verbal possui como verbo padrão arrogar/arrogar-se. Os verbos que fazem parte deste grupo são de “(...) ação e o OI corresponde ao Beneficiário que pode ser correferencial ao sujeito Agente (...)” (CHRISTIANO, 1991, p.155).

Seguindo o mesmo padrão desse grupo verbal temos os verbos: atribuir-se, conceder-se, consentir-se, permitir-se e etc. As características que compõem esse grupo são: o tipo verbal básico é benefactivo de ação-processo, o pronome *se* é correferencial e reflexivo e a forma verbal básica é transitiva.

O oitavo grupo verbal é representado pelo verbo atrever-se. Os verbos que fazem parte deste grupo ocorrem em estruturas complexas, diferentemente dos verbos do primeiro grupo que ocorrem em estruturas simples. Seguem o padrão de atrever-se verbos como aventurar-se, dignar-se e empenhar-se.

As características que fazem parte deste grupo verbal são: o tipo verbal básico é de ação, o pronome *se* é pseudo-reflexivo e a forma verbal básica é intransitiva.

Representando o nono grupo verbal temos o verbo padrão encontrar/encontrar-se. Os verbos que fazem parte deste grupo trazem a noção de reciprocidade. Christiano (1991) afirma que “Do ponto de vista semântico, o pronome *se*, que aparece nas estruturas do grupo XI, serve para marcar a reciprocidade e os nomes envolvidos no processo verbal acumulam, ao mesmo tempo, as funções de Agente e Objeto.” (CHRISTIANO, 1991, p. 164).

As características desse grupo verbal são: o tipo verbal básico é o de ação-processo, o pronome *se* é reflexivo/recíproco e a forma verbal básica é transitiva.

A partir desta classificação, MELLO (2008) construiu uma tabela com a distribuição dos verbos feita por Christiano (1991) fazendo uma inversão, apenas, do grupo 3 e 4. Vejamos:

GRUPOS VERBAIS	NÍVEIS DE REFLEXIVIDADE			
	PLENA	PRIMÁRIA	SECUNDÁRIA	TERCIÁRIA
G①: tipo padrão: irritar-se tipo padrão: encontrar-se				X/X
G②: tipo padrão: queixar-se tipo padrão: acusar-se		X		X
G③: tipo padrão: ajoelhar-se			X	
G④: tipo padrão: pentear-se		X		
G⑤: tipo padrão: lançar-se		X		
G⑥: tipo padrão: achar-se¹¹		X		
G⑦: tipo padrão: arrogar-se		X		
G⑧: tipo padrão: atrever-se				X
G⑨: tipo padrão: encontrar-se¹²		X		

Tabela 2: Grupos verbais e níveis de reflexividade.

Além da divisão dos verbos em grupos e sub-grupos, Christiano (1991) propõe níveis de reflexividade, que são: pleno, primário e secundário, como apresentado na tabela acima, frisando que o nível terciário, nomenclatura dada por Mello (2008), é denominado de pseudo-reflexivo por Christiano (1991). Tanto a divisão dos grupos como a dos níveis de reflexividade foram feitas baseando-se nos trabalhos de Fillmore (1968) e Chafe (1970).

A noção de reflexividade usada por Christiano (1991) para esta pesquisa é caracterizada como um fenômeno que ocorre quando o sujeito e o objeto são correferentes em uma oração. Os níveis de reflexividade foram estabelecidos para ampliar o conceito dado para a ‘voz-reflexiva’, também conhecida como ‘voz média’, como podemos observar no trecho destacado de Christiano (1991):

(...) o pronome *se* com valor reflexivo está diretamente relacionado à significação do verbo. Assim, os verbos por nós arrolados (cf. item 2 deste capítulo) apresentam, na realidade, algumas particularidades com relação à diátese reflexiva. Daí a necessidade de se estabelecerem gradações para este tipo de voz. (CHRISTIANO, 1991, p. 167).

Como pode ser observado, os níveis de reflexividade se estabelecem pela voz reflexiva, definida como “(...) a forma verbal que indica que o sujeito é, ao mesmo tempo, agente e paciente da ação verbal (...)” (CHRISTIANO, 1991, p. 167). Assim, Christiano (1991) dividiu os verbos em três níveis de reflexividade, afirmando que os verbos possuem comportamentos diferentes com relação a esses níveis, tais como: a reflexividade plena, primária e secundária.

Começamos pela reflexividade plena. Nesta o paciente sempre será igual e correferente ao agente, como podemos observar na sentença abaixo:

(12) O presidiário suicidou-se.⁹

A reflexividade primária inclui verbos que projetam a ação reflexiva, isto é, haverá nas sentenças um sujeito e complemento correferentes e reflexivos (13). Neste nível de reflexividade também se encaixam os verbos que indicam reciprocidade (14), também possuindo um sujeito que pode ser agente e paciente. Vejamos:

(13) O ministro questionou-se diante de todos.

(14) Os dois adversários olhavam-se com rancor.

A reflexividade secundária se caracteriza por permitir a omissão total do reflexivo ‘se’ na estrutura superficial. Como pode ser observado abaixo:

(15) Juliana sentou-se para recuperar o fôlego.

Christiano (1991) deixa de fora dos níveis de reflexividade as estruturas que possuem o ‘se’ como pseudo-reflexivo. Elas são excluídas pelo fato de ocorrerem como pronominais. Vejamos:

(16) Solange aborreceu-se.

Neste caso não ocorre reflexividade, pois o verbo ‘aborrecer’ não é usado agentivamente, havendo uma marca de recessividade de um causador externo ao processo verbal. Nos estudos de Faltz (1985), ele amplia a possibilidade de o sujeito ser não só agente, mas também experienciador.

Foi a partir do objetivo de apresentar uma nova proposta de análise sintático-semântica das estruturas do português brasileiro que são vistas na forma ‘pronominal’ ou ‘reflexiva’, que se realizou uma redefinição e reclassificação dos verbos reflexivos e do pronome ‘se’, frisando que esta divisão não foi feita apenas “pela especificação dos esquemas casuais nos quais eles estão inseridos, mas também pelas suas propriedades

⁹As sentenças utilizadas nos exemplos (12), (13), (14), (15) e (16) foram retiradas da Tese de doutorado de Christiano (1991).

derivacionais (possibilidade de sofrer derivação decausativa, resultativa, etc.)” (CHRISTIANO, 1991, p. 196).

Assim, conclui-se que nas estruturas do português brasileiro pode-se encontrar nove grupos de verbos pronominais ou reflexivos e três níveis de voz reflexiva: a reflexividade plena, a reflexividade primária e a reflexividade secundária.

2.2 MELLO (2008)

Mello (2008) busca reunir, relacionar e organizar em grupos os diversos usos do ‘se’ com função reflexiva, nos vários tipos de textos, com o objetivo de estabelecer suas funcionalidades - partícula de realce e pseudo-reflexivo - no discurso. Para este fim toma como hipótese a de que o ‘se’ passará por um processo de gramaticalização, isto fará com que ele passe de uma “categoria-fundante de clítico reflexivo a uma nova categoria de afixo verbal” (MELLO, 2008, p. 36). O corpus utilizado para observar este fenômeno foram manuscritos oitocentistas da Paraíba escritos no século XVIII e XIX.

Este trabalho fundamentou-se nos estudos funcionalistas da linguagem, trazendo a noção de marcação, apresentada por Givón (1995) e pelo processo de Gramaticalização. O motivo de se utilizar estas perspectivas é a busca de assimilar como o ‘se’ perpassa de uma função prototípica reflexiva para uma em que não temos a reflexividade tão visível como antes.

Uma das contribuições fundamentais da pesquisa de Mello (2008) é o mapeamento histórico do português no Brasil, fazendo com que auxilie no avanço do debate teórico com relação à mudança linguística do português brasileiro.

Assim, procurou-se neste trabalho, através dos conceitos de marcação linguística, fazer observações sobre os níveis de reflexividade, visando “(...) aprender o uso produtivo do pronome ‘se’ reflexivo no português do século XIX falado na Paraíba.” (MELLO, 2008, p. 39).

Mello (2008) afirma que o pronome ‘se’ que possui valor reflexivo está intimamente relacionado à significação verbal, diante disto ela faz uma reanálise dos níveis de reflexividade estabelecidos por Christiano (1991).

Esta reanálise altera apenas um nível de reflexividade estabelecido por Christiano (1991). Mello (2008) acrescenta o nível terciário, conforme já observamos na tabela II apresentada no item 2.1 acima. O objetivo de trazer a divisão dos verbos em grupos e em níveis de reflexividade está em aplicar a esta divisão os conceitos de marcação linguística estabelecidos por Givón (1995), conforme observamos no trecho em destaque de Mello (2008):

A aplicação dos critérios distintivos entre categorias marcadas e não marcadas na verificação do grau de marcação dos níveis de reflexividade tem como uma finalidade salientar o comportamento natural das formas linguísticas e suas funções, no caso específico o pronome reflexivo “se”, buscando atestar tendências a inovações e mudanças condizentes ao fenômeno da reflexividade. (MELLO, 2008, p. 42).

O conceito de marcação utilizado neste trabalho se torna indispensável pelo fato de estabelecer a ocorrência do uso dessas formas dependendo se esta forma será menos ou mais marcada. Assim, quando se aplica o princípio de marcação ao pronome ‘se’, ele irá passar de sua função prototípica reflexiva para uma função menos transparente.

Observemos abaixo uma tabela com as ocorrências do pronome ‘se’ com alguma carga de reflexividade nas 152 cartas analisadas por Mello (2008).

NÍVEIS	OCORRÊNCIAS/TOTAL	%
PRIMÁRIO	92/ 152	65
SECUNDÁRIO	19/ 152	8
TERCIÁRIO	41/ 152	27
TOTAL	152/ 152	100

Tabela 3: Ocorrências do pronome reflexivo pelos níveis de reflexividade.

Como podemos observar o maior número de ocorrências, frequência, da forma *se* está no nível primário. Diante deste resultado se definiu uma escala de marcação, conforme podemos observar na tabela abaixo:

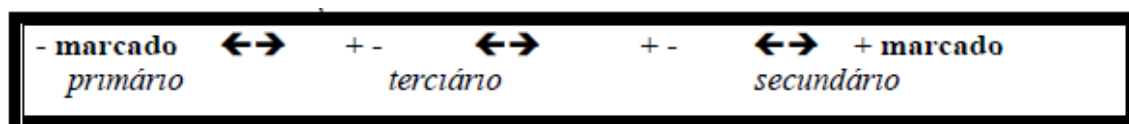


Tabela 4: Escala de marcação: a frequência dos níveis.

Existem critérios que definem a escala de marcação dos níveis, o primeiro critério aplicado, neste estudo, é o da complexidade estrutural definido como “(...) a

estrutura marcada tende a ser mais complexa ou maior do que sua correspondente não marcada”. (Cezario & Cunha (orgs.), 2013, p. 24.). Quando temos as expressões juntamente com verbos do nível secundário elas serão [- marcadas] devido à possibilidade da presença ou ausência do *se*. Já com relação às expressões com verbos de nível primário elas são [+ marcadas], isso acontece pelo fato da presença obrigatória do clítico ‘se’. Diante do nível terciário temos expressões [+ marcadas], devido a não correferência entre sujeito e objeto.

O segundo critério que define a escala de marcação dos níveis com relação a função do *se* é a complexidade cognitiva, entendida como “(...) a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa – em termos de esforço mental, demanda de atenção ou tempo de processamento – do que a não marcada” (Cezario & Cunha (orgs.), 2013, p. 24.). Aplicando este critério os níveis de reflexividade terão outra configuração da tabela apresentada acima. O nível primário será considerado menos marcado que o secundário e conseqüentemente do que o terciário, isso ocorre pelo fato do *se* ser facultativo no nível secundário necessitando de um maior esforço cognitivo, bem como no nível terciário que não considera o *se* como um reflexivo, havendo um maior trabalho mental pelo falante.

Diante do estudo diacrônico da língua realizado neste trabalho com os falantes do português da cidade de João Pessoa, observou-se que o *se* aliados a verbos “(...) que não cumprem a condição primeira de reflexividade: a ação que parte de um sujeito e recai nele próprio” (MELLO, 2008, p. 44) passou por um processo de rotinização e inovação que o fez se modificar ao longo dos anos, isto é, sofreu uma gramaticalização, o que o deixou mais abstrato em seu uso.

Será com base na categorização da reflexividade dos verbos, descritos acima, que iremos realizar experimentos de aceitabilidade desses verbos em frases anafóricas, visto que a categorização verbal nos estudos em processamento linguístico e nas gramáticas tradicionais não dão conta de abarcar todos os nuances que o assunto encerra.

Assim, apresentaremos na próxima seção o surgimento e desdobramento dos trabalhos em processamento anafórico, mediante a necessidade de compreender como

ocorre o processamento da linguagem humana, bem como de expor as pesquisas que encontraram, incipientemente, resultados que vão além dos princípios da Teoria da Ligação (CHOMSKY, 1981, 1986), isto é, a influência de fatores semântico-discursivo.

3 ESTUDOS EM PROCESSAMENTO

Com os avanços dos modelos formais apresentados pela Teoria Linguística de base gerativista, algumas propostas de cunho metodológico com relação ao processamento linguístico dos Princípios de Ligação estão sendo tomadas, uma delas é o Programa Minimalista.

O Programa Minimalista (CHOMSKY, 1993) possui por objetivo apresentar algumas orientações que buscam fazer uma reavaliação do modelo de Princípios e Parâmetros (P&P, 1976a). Uma das questões apontadas pelos psicolinguísticos para o Programa Minimalista, referente aos princípios de ligação, é a seguinte: “Em qual momento do processamento de uma sentença os princípios atuam?”. Para tanto, muitas das pesquisas psicolinguísticas buscam investigar o exato momento deste processamento.

Existem, nas pesquisas de cunho psicolinguístico, estudos que determinam a ocorrência das restrições de ligação em um único estágio (NICOL & SWINNEY, 1989, na língua inglesa; OLIVEIRA, LEITÃO E HENRIQUE, 2012, no português brasileiro) como também em dois estágios, a saber, *bonding* e *resolution*. No primeiro estágio (*bonding*) se afirma que os princípios de ligação atuam logo que o *parser* – processador sintático – encontre os prováveis antecedentes para a retomada. No segundo estágio (*resolution*), a ligação aconteceria entre a anáfora e um antecedente possível, podendo ser este o antecedente não disponível (BADECKER & STRAUB, 2002; STURT 2003; KENNISON, 2003; na língua inglesa; LEITÃO, PEIXOTO E SANTOS, 2008; no português brasileiro).

Muitos dos estudos apresentados nas seções seguintes tratarão de discussões que envolvem tanto o processamento em um único estágio, como também em dois estágios – *bonding* e *resolution*.

3.1 Estudos em Língua Inglesa

Os estudos envolvendo língua inglesa descritos neste subcapítulo apresentarão, através de várias técnicas experimentais, como ocorre o processamento intrassentencial. Muitos deles irão averiguar em qual momento ocorre o processamento das restrições de ligação, se em *bonding* ou *resolution*.

Nicol e Swinney (1989) realizaram um teste utilizando tarefas de *priming* intermodal (*cross-modal priming*), buscando analisar em qual estágio ocorreria o processamento das restrições de ligação. Sua hipótese inicial é de que apenas os antecedentes disponíveis, de acordo com a Teoria da Ligação, são considerados no processamento sentencial, afirmando que os antecedentes indisponíveis não podem ser considerados na resolução da correferência. No experimento os participantes ouviam sentenças como em (17) e (18) e logo após o pronome *him* – ele – ou da anáfora *himself* – ele mesmo – aparecia uma palavra sonda, que tinha relação semântica ou não com os antecedentes *boxer*, *skier* ou *doctor* – boxeador, nadador e médico.

(17) *The boxer_i told the skier_i that the doctor for the team would blame him_i*for the recent injury.*

(18) *The boxer_j told the skier_j that the doctor_i for the team would blame himself*for the recent injury.*¹⁰

Os resultados encontrados neste experimento mostram que, de acordo com a Teoria da Ligação, nas sentenças que apareciam o pronome *him* (17) houve a vinculação deste com os antecedentes *the boxer* e *the skier*, ou seja, estes eram os antecedentes possíveis de acordo com o Princípio B da Teoria da Ligação, ocorrendo um efeito de *priming* significativo somente no momento em que as palavras sondas estavam sendo relacionadas aos antecedentes *the boxer* e *the skier*. Com relação às sentenças que continham a anáfora *himself*, esta fez referência apenas ao antecedente *the doctor*, havendo efeito significativo quando tínhamos palavras estabelecendo relação com o antecedente *the doctor*, conforme prevista pelo Princípio A da Teoria da Ligação. Diante de tais resultados, os autores corroboram a Teoria da Ligação e postulam a

¹⁰ (17) O boxeador falou para o esquiador que o médico da equipe culpa ele da recente lesão.

(18) O boxeador falou para o esquiador que o médico da equipe culpa ele mesmo da recente lesão.

Hipótese do Filtro de Ligação Inicial, que prediz que os antecedentes indisponíveis não são levados em consideração no processamento sentencial.

Um trabalho que vai ao encontro deste é o de Clifton, Kennison e Albrecht (1997). Os autores realizaram um experimento de leitura automonitorada (*self-paced Reading*) e encontraram influência somente dos antecedentes disponíveis no processamento de sentenças que continham pronomes. Vejamos:

(19) a. *The supervisors paid him yesterday to finish typing the manuscript.*¹¹

b. *The supervisor paid him yesterday to finish typing the manuscript.*¹²

c. *The supervisors paid his assistant to finish typing the manuscript.*¹³

d. *The supervisor paid his assistant to finish typing the manuscript.*¹⁴

Os resultados encontrados mostram que houve efeito *match/mismatch* (combina/não combina) nas condições (19c) e (19d), mas não nas sentenças (19a) e (19b). A condição que foi processada mais lentamente foi a (19c). Assim, observamos a confirmação da Hipótese do Filtro de Ligação Inicial (NICOL & SWINNEY, 1989).

Trabalhos como os de Badecker e Straub (2002) evidenciam que haveria antecedentes disponíveis e indisponíveis em termos da Teoria da Ligação (CHOMSKY, 1981), influenciando no processamento de pronomes e reflexivos. Foi realizado um experimento de leitura automonitorada (*self-paced Reading*), manipulando o gênero dos antecedentes disponíveis e indisponíveis. Observemos os exemplos apresentados no experimento:

(20) Pronome

a. *John thought that Beth owed him another opportunity to solve the problem.*¹⁵

b. *John thought that Bill owed him another opportunity to solve the problem.*¹⁶

¹¹ Os supervisores o pagaram ontem para terminar a datilografia do manuscrito.

¹² O supervisor o pagou ontem para terminar a datilografia do manuscrito.

¹³ Os supervisores pagaram o assistente dele para terminar a datilografia do manuscrito.

¹⁴ O supervisor pagou o assistente dele para terminar a datilografia do manuscrito.

¹⁵ John pensou que Beth lhe devia mais uma oportunidade para resolver o problema.

¹⁶ John pensou que Bill lhe devia mais uma oportunidade para resolver o problema.

(21) Reflexivos

a. *Jane thought that Bill owed himself another opportunity to solve the problem.*¹⁷

b. *John thought that Bill owed himself another opportunity to solve the problem.*¹⁸

Os resultados apontados por Badecker e Straub (2002) foram capturados no segmento que continha a palavra *opportunity*, isto é, o efeito não foi capturado nos segmentos críticos (pronomes/reflexivos). Nas sentenças (20a) e (21a), quando o gênero da retomada combinava apenas com o gênero do antecedente disponível, os tempos de leitura foram mais rápidos, já nos exemplos (20b) e (21b), em que o gênero da retomada convergia com o antecedente disponível e com o gênero do antecedente indisponível, os tempos de leitura no segmento *opportunity* foram mais lentos. Esses resultados evidenciam uma influência do antecedente indisponível, mesmo que tardiamente.

Encontrando resultados congruentes aos de Badecker e Straub (2002), Sturt (2003), realiza três experimentos. Em dois dos experimentos foi utilizada a técnica de monitoramento ocular (*eyetracking*), objetivando investigar a influência de antecedentes disponíveis e indisponíveis no processamento anafórico, e outro experimento utilizando a técnica de leitura automonitorada (*self-paced Reading*), visando analisar como os participantes interpretariam a retomada anafórica. Abaixo temos as sentenças do primeiro experimento.

(22) Experimento 1.

a. *Accessible-match/inaccessible-match*

*Jonathan was pretty worried at the City Hospital. He remembered that the surgeon had pricked himself with a used syringe needle. There should be an investigation soon.*¹⁹

b. *Accessible-match/inaccessible-mismatch*

¹⁷15 Jane pensou que Bill devia a ele mesmo mais uma oportunidade para resolver o problema.

¹⁸16 John pensou que Bill devia a ele mesmo mais uma oportunidade para resolver o problema.

¹⁹17 Jonathan estava muito preocupado no Hospital da Cidade. Ele lembrou que o cirurgião tinha picado ele mesmo com uma agulha de seringa usada. Deveria haver uma investigação em breve.

*Jennifer was pretty worried at the City Hospital. She remembered that the surgeon had pricked himself with a used syringe needle. There should be an investigation soon.*²⁰

c. Accessible-mismatch/inaccessible-match

*Jonathan was pretty worried at the City Hospital. He remembered that the surgeon had pricked herself with a used syringe needle. There should be an investigation soon.*²¹

d. Accessible-mismatch/inaccessible-mismatch

*Jennifer was pretty worried at the City Hospital. She remembered that the surgeon had pricked herself with a used syringe needle. There should be an investigation soon.*²²

Os resultados apontados neste experimento foram capturados através dos tempos de leitura na primeira fixação e na primeira passada do reflexivo. Observamos que os tempos de leitura foram significativos quando tínhamos o antecedente disponível concordando em gênero com anáfora, condições (22a) e (22b). Já nas condições que o antecedente disponível não concordava com o gênero da anáfora (22c) e (22d), os tempos de leitura foram maiores.

O segundo experimento realizado por Sturt (2003), com a técnica de leitura automonitorada, buscou analisar se haveria realmente a influência de antecedentes indisponíveis na interpretação da anáfora. As sentenças desse experimento foram as mesmas do primeiro, o que diferencia é a pergunta de compreensão que havia logo após as frases, como podemos observar abaixo:

(23) Experimento 2.

(Display 1) *Jonathan was pretty worried at the City Hospital.*

²⁰18 Jennifer estava muito preocupada no Hospital da Cidade. Ela lembrou que o cirurgião tinha picado ele mesmo com uma agulha de seringa usada. Deveria haver uma investigação em breve.

²¹19 Jonathan estava muito preocupado no Hospital da Cidade. Ele lembrou que o cirurgião tinha picado ela mesma com uma agulha de seringa usada. Deveria haver uma investigação em breve.

²²20 Jennifer estava muito preocupada no Hospital da Cidade. Ela lembrou que o cirurgião tinha picado ela mesma com uma agulha de seringa usada. Deveria haver uma investigação em breve.

(Display 2) *He remembered that the surgeon had pricked himself with a used syringe needle.*

(Display 3) *Who had been pricked with a used needle?*

(Display 4) *Jonathan/The surgeon*²³

Neste experimento, a escolha realizada pelos participantes foi com o antecedente indisponível quando este combinava com a anáfora, ficando claro a influência de antecedentes não disponíveis indo de encontro ao Princípio A da Teoria da Ligação.

No terceiro experimento realizado por Sturt (2003), utilizando a técnica de monitoramento ocular (*eyetracking*), pretendeu-se verificar se os resultados apontados no experimento 1 estavam indo de acordo com a Teoria da Ligação ou se estes resultados se dão pela posição em que se encontram os antecedentes. As sentenças utilizadas neste experimento foram as seguintes:

(24) Experimento 3.

a. *Accessible-match/inaccessible-match*

*Jonathan was pretty worried at the City Hospital. The surgeon who treated Jonathan had pricked **himself** with a used syringe needle. There should be an investigation soon.*

b. *Accessible-match/inaccessible-mismatch*

*Jennifer was pretty worried at the City Hospital. The surgeon who treated Jennifer had pricked **himself** with a used syringe needle. There should be an investigation soon.*

c. *Accessible-mismatch/inaccessible-match*

*Jonathan was pretty worried at the City Hospital. The surgeon who treated Jonathan had pricked **herself** with a used syringe needle. There should be an investigation soon.*

²³ (Display 1) Jonathan estava muito preocupado no Hospital da Cidade.
(Display 2) Ele lembrou que o cirurgião tinha picado ele mesmo com uma agulha de seringa usada.
(Pergunta 3) Quem tinha sido picado por uma agulha usada?
(Opções4) Jonathan / O cirurgião

d. *Accessible-mismatch/inaccessible-mismatch*

*Jennifer was pretty worried at the City Hospital. The surgeon who treated Jennifer had pricked **herself** with a used syringe needle. There should be an investigation soon.*²⁴

Os resultados deste terceiro experimento evidenciam efeitos tardios dos antecedentes indisponíveis para a anáfora, na segunda passada ocular e nas informações interpretativas. Diante dos resultados encontrados, o autor afirma que o processamento dos reflexivos ocorreu em dois momentos. No primeiro momento – *bonding* (ligação) - houve a atuação do Princípio A da Teoria da Ligação, corroborando com a Hipótese do Filtro de Ligação Inicial postulado por Nicol e Swinney (1989). Porém, em um segundo momento – *resolution* (resolução) - haveria influências semânticas e pragmáticas, fazendo com que os antecedentes indisponíveis fossem considerados no processamento correferencial.

Assim como Sturt (2003), Kennison (2003) também encontrou em seus experimentos a presença de dois estágios no processamento. Ela realizou três experimentos utilizando a técnica de leitura automonitorada (*self-paced Reading*), para verificar o processamento do pronome possessivo *his* e dos pronomes plenos *him* e *her*. No primeiro experimento as sentenças utilizadas foram essas:

(25)²⁵

-
- ²⁴a. *Jonathan* estava muito preocupado no Hospital da Cidade. O cirurgião que atendeu *Jonathan* tinha picado ele mesmo com uma agulha de seringa usada. Deveria haver uma investigação em breve.
b. *Jennifer* estava muito preocupada no Hospital da Cidade. O cirurgião que atendeu *Jennifer* tinha picado ele mesmo com uma agulha de seringa usada. Deveria haver uma investigação em breve.
c. *Jonathan* estava muito preocupado no Hospital da Cidade. O cirurgião que atendeu *Jonathan* tinha picado ela mesma com uma agulha de seringa usada. Deveria haver uma investigação em breve.
d. *Jennifer* estava muito preocupada no Hospital da Cidade. O cirurgião que atendeu *Jennifer* tinha picado ela mesma com uma agulha de seringa usada. Deveria haver uma investigação em breve.

²⁵Condições SPEC- quando o pronome está na posição de sujeito.
Susan assistiu o colega de classe dela durante os ensaios abertos ao público da peça escolar.
Carl assistiu o colega de classe dela durante os ensaios abertos ao público da peça escolar.
Eles assistiram o colega de classe dela durante os ensaios abertos ao público da peça escolar.

Condições NP- Quando o pronome está na posição de objeto.
Susan assistiu ela ontem durante os ensaios abertos ao público da peça escolar.
Carl assistiu ela ontem durante os ensaios abertos ao público da peça escolar.

SPEC conditions

- a. *Susan watched her classmate during the open rehearsals of the school play*
- b. *Carl watched her classmate during the open rehearsals of the school play.*
- c. *They watched her classmate during the open rehearsals of the school play.*

NP conditions

- d. *Susan watched her yesterday during the open rehearsals of the school play.*
- e. *Carl watched her yesterday during the open rehearsals of the school play.*
- f. *They watched her yesterday during the open rehearsals of the school play.*

Neste experimento a leitura foi mais lenta nas sentenças com pronomes NP, que se localizavam em posição de objeto, quando havia um antecedente indisponível que concordava em gênero.

No segundo experimento também se utilizou da mesma técnica de leitura automonitorada e se buscou observar o processamento de sentenças com os pronomes *his* e *him* no lugar do pronome *her*. As frases experimentais utilizadas foram como as abaixo:

(26)²⁶

SPEC conditions

- a. *Susan watched his classmate during the open rehearsals of the school play.*
- b. *Carl watched his classmate during the open rehearsals of the school play*
- c. *They watched his classmate during the open rehearsals of the school play.*

NP conditions

- d. *Susan watched him yesterday during the open rehearsals of the school play.*

Eles assistiram ela ontem durante os ensaios abertos ao público da peça escolar.

²⁶Condições SPEC

Susan assistiu seu colega de classe durante os ensaios abertos ao público da peça escolar.

Carl assistiu seu colega de classe durante os ensaios abertos ao público da peça escolar.

Eles assistiram seu colega de classe durante os ensaios abertos ao público da peça escolar

Condições NP

Susan assistiu ele ontem durante os ensaios abertos ao público da peça escolar.

Carl assistiu ele ontem durante os ensaios abertos ao público da peça escolar.

Eles assistiram ele ontem durante os ensaios abertos ao público da peça escolar.

- e. *Carl watched him yesterday during the open rehearsals of the school play.*
- f. *They watched him yesterday during the open rehearsals of the school play.*

Os resultados apontados neste experimento revelam que nas sentenças em que havia o pronome *his* (26a, b e c) a leitura foi mais rápida quando o pronome e o sujeito concordavam em gênero e número (26b). É sabido que o processamento ocorreu de forma mais rápida, pelo fato do pronome possessivo estar na posição que permite a ligação do Princípio B da Teoria da Ligação. Nas sentenças que continham o pronome *him*, as leituras foram significativamente mais rápidas quando o pronome não concordava em número com o antecedente (26f). Porém quando o gênero e o número concordavam entre o antecedente e a anáfora os tempos de leituras foram maiores. Assim, observamos que houve a violação do Princípio B da Teoria da Ligação.

Diante disto, Kennison (2003) realiza um terceiro experimento. Neste é colocado um preâmbulo antes das sentenças (27a, b, c). Assim, como nos dois últimos experimentos, há um antecedente disponível para o pronome. Vejamos as sentenças abaixo:

(27) *Billy complained about having a stomachache.*

- a. *Laura watched him closely throughout the day.*
- b. *Michael watched him closely throughout the day.*
- c. *They watched him closely throughout the day.*

Os resultados deste experimento evidenciaram que devido à presença de um antecedente disponível no preâmbulo (Billy), não houve procura por um antecedente indisponível.

Kennison (2003) afirma que o processamento ocorrido nos seus experimentos intercorreu em dois estágios, assim como encontrado por Sturt (2003). No primeiro estágio – *Bonding* – os antecedentes indisponíveis foram bloqueados pelo princípio B. Porém, no segundo estágio – *Resolution* – os antecedentes indisponíveis influenciaram no processamento, quando não se tinha um antecedente disponível fora do escopo da sentença.

Diante dos experimentos realizados na língua inglesa com anáforas e pronomes (plenos e possessivos) veremos adiante como os estudos no português brasileiro se comportam em experimentos *online* e *offline*, buscando verificar também em qual momento as restrições da Teoria da Ligação estariam atuando e se outros fatores além dos sintáticos podem guiar a resolução anafórica.

3.2 Estudos em Português brasileiro

Leitão, Peixoto e Santos (2008) realizaram dois experimentos de leitura automonitorada (*self-paced Reading*) visando analisar em qual momento do processamento atuam os princípios de ligação. Para tanto, conduziram os experimentos com falantes nativos do português brasileiro. Elaboraram dois experimentos com o pronome pleno ‘ele’ em posição de objeto, controlando os traços de gênero, número e animacidade dos antecedentes. No primeiro experimento foram usadas as seguintes sentenças:

(28) a. Antecedente sujeito masculino, singular e + animado (MS+A)

Tião/ atropelou/ ele/ imprudentemente/ na estrada/ de Cabedelo.

b. Antecedente sujeito feminino, singular e + animado (FS+A)

Talita/ atropelou/ ele/ imprudentemente/ na estrada/ de Cabedelo.

c. Antecedente sujeito feminino, plural e + animado (FP+A)

As motoristas/ atropelaram/ ele/ imprudentemente/ na estrada/ de Cabedelo.

d. Antecedente sujeito feminino, plural e – animado (FP-A)

As carretas/ atropelaram/ ele/ imprudentemente/ na estrada/ de Cabedelo.

Neste primeiro experimento, os resultados apontam que quando tínhamos o pronome concordando em gênero, número e animacidade com o antecedente indisponível (28a), conforme o Princípio B, da Teoria da Ligação, houve maiores tempos de leitura. Corroborando com os resultados encontrados por Kennison (2003), na língua inglesa, afirma-se que o processamento ocorreu em dois estágios.

Dando continuidade ao primeiro experimento, realizou-se um segundo, neste havia um prelúdio que continha um antecedente disponível e um pronome que concordavam com os mesmos traços.

(29) Carlos atravessou a rua correndo.

a. Antecedente sujeito masculino, singular e + animado (MS+A)

Tião/ atropelou/ ele/ imprudentemente/ na estrada/ de Cabedelo.

b. Antecedente sujeito feminino, singular e + animado (FS+A)

Talita/ atropelou/ ele/ imprudentemente/ na estrada/ de Cabedelo.

c. Antecedente sujeito feminino, plural e + animado (FP+A)

As motoristas/ atropelaram/ ele/ imprudentemente/ na estrada/ de Cabedelo.

d. Antecedente sujeito feminino, plural e – animado (FP-A)

As carretas/ atropelaram/ ele/ imprudentemente/ na estrada/ de Cabedelo.

Os resultados encontrados neste segundo experimento evidenciam que o pronome ligou-se ao antecedente disponível rapidamente, não houve influência dos traços de gênero, número e animacidade dos antecedentes indisponíveis. Encontrou-se também um custo de processamento maior no pronome ‘ele’, este fato se explica pela presença do prelúdio.

Grolla (2012) realizou um experimento de seleção de figuras, investigando a aquisição da forma anafórica ‘ele mesmo’, em português brasileiro. O estudo analisou como as crianças iriam se comportar quando fossem apresentadas a forma anafórica ‘ele mesmo’ e um verbo, classificado intuitivamente de preferencialmente reflexivo – ‘pentear’ - ou preferencialmente recíproco – ‘abraçar’. O objetivo central deste trabalho foi analisar se as crianças (até os seis anos) atribuiriam à expressão ‘ele mesmo’ uma interpretação reflexiva, ou se questões pragmáticas seriam levadas em consideração, como também a semântica do verbo, ou ainda se as respostas seriam aleatórias. Também se testou a forma ‘se’, a fim de verificar se o comportamento seria igual a expressão anafórica ‘ele mesmo’.

O experimento foi feito com 63 crianças, sendo divididas em três grupos: grupo1: 20 crianças entre 3;11 e 4;11 anos de idade; grupo 2:20 crianças entre 5;0 e 5;11 anos e grupo 3: 23 crianças entre 6;0 e 6;11 anos. As sentenças foram construídas a partir de quatro verbos, sendo dois preferencialmente reflexivos – ‘pentear’ e ‘vestir’ – e dois preferencialmente recíprocos – ‘beijar’ e ‘abraçar’. Como podemos averiguar abaixo:

(30) Elas mesmas: apenas leitura reflexiva

a. Verbo recíproco + Elas mesmas

As meninas estão abraçando/ beijando elas mesmas.

b. Verbo reflexivo + Elas mesmas

As meninas estão penteando/vestindo elas mesmas.

Se: reflexivo ou recíproco

a. Verbo recíproco + se

As meninas estão se abraçando/beijando.

b. Verbo reflexivo + se

As meninas estão se penteando/vestindo.

Observemos abaixo a tabela feita por Grolla (2012) apresentando a frequência de respostas de cada grupo.

Faixas etárias	‘Se’	‘Ele Mesmo’
G1 (4 anos)	66,25%	41,25%
G2 (5 anos)	80%	65%
G3 (6 anos)	79,35%	50%
Adultos	82,85%	100%

Tabela 5: Taxas de comportamento para ‘se’ e ‘ele mesmo’.

Os resultados apontam que as crianças do grupo 1 (crianças aos 4 anos) escolheram figuras de acordo com o verbo quando a forma era o reflexivo ‘se’. Com a expressão anafórica ‘ele mesmo’ escolheram figuras reflexivas de acordo com a anáfora

em apenas 41,25% das vezes. Neste grupo obtiveram respostas divergentes para o ‘se’ e ‘ele mesmo’. As crianças tiveram maior facilidade na escolha do ‘se’.

No grupo 2 (crianças aos 5 anos) escolheram 80% das vezes figuras de acordo com o verbo diante da forma ‘se’. Já com a expressão ‘ele mesmo’ as crianças escolheram figuras reflexivas somente em 65% das vezes.

No grupo 3 (crianças aos 6 anos) as crianças escolheram em 79,35% das vezes, figuras de acordo com o verbo unido a forma ‘se’. Em relação à expressão ‘ele mesmo’, escolheram em apenas 50% das vezes as figuras reflexivas.

Os resultados apontam que as crianças mesmo aos 6 anos de idade adquirem a expressão anafórica ‘ele mesmo’ tardiamente, pois quando foram confrontadas com a expressão anafórica ‘ele mesmo’ e uma ação reflexiva ou recíproca, as respostas foram casuais, pois em um momento escolhiam a ação reflexiva e em outro a ação recíproca.

Já com a forma ‘se’ os resultados tangenciaram para a escolha de acordo com a semântica do verbo. Uma explicação para esses resultados, segundo Grolla (2012), é que o ‘se’ é uma forma neutra, diferentemente do ‘ele mesmo’, e aquele é gerido pelo Princípio A, da Teoria da Ligação, contrariamente ao ‘ele mesmo’ comandado por questões semânticas e pragmáticas.

Oliveira, Leitão e Henrique (2012) realizaram um experimento *online* de leitura automonitorada (*self-paced Reading*), seguida de uma medida *offline*, com falantes nativos do português brasileiro, investigando o processamento da anáfora “a si mesmo(a)” dentro do escopo da sentença, a fim de revelar a possível influência do Princípio A, da Teoria da Ligação (CHOMSKY, 1961).

As frases usadas no experimento continham um antecedente disponível e um indisponível para a anáfora – retomada –, bem como uma pergunta de compreensão no final de cada sentença, que focalizava o antecedente que continha o gênero equivalente da retomada (31a, b, c e d), e quando tínhamos os dois antecedentes combinando em gênero com a retomada, a pergunta feita focalizava o antecedente disponível (31e e f). As sentenças foram divididas, de forma intuitiva, com verbos prováveis reflexivos e não prováveis reflexivos. As sentenças usadas no experimento foram como estas:

(31)

a.Antecedente indisponível feminino, disponível masculino e retomada masculino

(FMRM) Maria disse que João machucou a si mesmo no parque de diversão. João se machucou?

b.Antecedente indisponível masculino, disponível feminino e retomada masculino

(MFRM) João disse que Maria machucou a si mesmo no parque de diversão. João se machucou?

c.Antecedente indisponível feminino, disponível masculino e retomada feminino

(FMRF) Maria disse que João machucou a si mesma no parque de diversão. Maria se machucou?

d.Antecedente indisponível masculino, disponível feminino e retomada feminino

(MFRF) João disse que Maria machucou a si mesma no parque de diversão. Maria se machucou?

e.Antecedente indisponível masculino, disponível masculino e retomada masculino

(MMRM) João disse que José machucou a si mesmo no parque de diversão. José se machucou?

f.Antecedente indisponível feminino, disponível feminino e retomada feminino

(FFRF) Maria disse que Lilian machucou a si mesma no parque de diversão. Lilian se machucou?

Neste experimento os resultados afirmam que houve a ligação da anáfora com seu antecedente mais próximo, excluindo imediatamente os antecedentes indisponíveis, conforme prediz a Hipótese do Filtro de Ligação Inicial (NICOL e SWINNEY, 1989).

Oliveira, Leitão e Henrique (2012) afirmam que nas condições em que o gênero da anáfora – retomada – era igual ao gênero do antecedente disponível, os tempos de leitura do segmento crítico, que contém a anáfora “a si mesmo(a)”, foram menores com relação as outras condições. Assim, observamos que apenas os antecedentes disponíveis, de acordo com a Teoria da Ligação, influenciaram na resolução da correferência, revalidando o que foi proposto por Nicol e Swinney (1989).

Mediu-se também o segmento pós-crítico (preposição), que se encontra logo após a anáfora. Neste os resultados mostraram que quando tínhamos o gênero da

anáfora concordando com o antecedente disponível, a leitura foi muita mais rápida. Os tempos de leitura também foram menores quando o gênero da retomada era masculino, nas condições em que o gênero e o antecedente disponível combinavam.

Diante das medidas no segmento crítico e no segmento pós-crítico, observou-se que os antecedentes indisponíveis não foram levados em consideração logo nos primeiros estágios do processamento.

Os mesmos resultados encontrados nas medidas *online* foram confirmados nas medidas *offline*. Confirmou-se a atuação do Princípio A, logo nos primeiros estágios do processamento, afirmando a exclusão dos antecedentes indisponíveis à anáfora.

Utilizando como base as frases experimentais de Oliveira, Leitão e Henrique (2012), Lacerda (2014), através de um experimento de leitura automonitorada (*self-paced Reading*), analisou se os diferentes tipos de retomada (reflexiva - *se*, nula- $\emptyset$, pronominal - *ele(a)*), a semântica do verbo (prováveis reflexivos e prováveis não reflexivos) e as diferenças dialetais entre Minas Gerais e Paraíba, poderiam influenciar ou não o processamento correferencial de estruturas reflexivas. As sentenças usadas neste trabalho eram como as abaixo:

(32) a. Verbo provável reflexivo com retomada reflexiva (VRRR)

Marcelo/ machucou se no parque/ de diversão. / Marcelo machucou a si mesmo?

b. Verbo provável reflexivo com retomada nula ($\emptyset$) (VRRN)

Marcelo/ machucou na escola/ de música. / Marcelo machucou a si mesmo?

c. Verbo provável reflexivo com retomada pronominal (VRRP)

Marcelo/ machucou ele no parque/ de diversão. / Marcelo machucou a si mesmo?

Os resultados apontam que houve um efeito significativo do tipo de retomada e de grupo (MG e PB). Ocorreu uma leitura reflexiva nas sentenças quando houve o absentismo do *se* e o uso do *ele*, com relação ao grupo de Minas Gerais, porém no grupo

da Paraíba não houve a leitura reflexiva da ausência do *se* nem do uso do *ele*. Observou-se também uma forte probabilidade da influência da semântica verbal.

É importante destacar a influência semântica do verbo no processamento destas sentenças. Observou-se influência do tipo de predicado no processamento das retomadas nulas (RN), pois o tempo de leitura no segmento pós-crítico foi mais custoso. No grupo de Minas Gerais o argumento foneticamente nulo foi interpretado como elemento anafórico, diferentemente do grupo da Paraíba, que considerou estas sentenças como agramaticais.

Nas condições com retomada reflexiva (RR), tanto no grupo de Minas Gerais como na Paraíba, o tipo do verbo não marcado reflexivamente na presença da anáfora ‘se’ fez com que o tempo de leitura fosse maior. Uma explicação razoável para este resultado é dado por Reinhart & Reuland (1993), eles afirmam que um predicado marcado reflexivamente é reflexivo, ou seja, na presença da anáfora ‘se’ o predicado se torna reflexivo independentemente do tipo de verbo.

Com relação à retomada pronominal (RP), no grupo da Paraíba os resultados com relação aos dois tipos de verbos foram semelhantes. Porém, quando havia a ausência de um antecedente acessível sintaticamente e a presença de um verbo provável não reflexivo a leitura da sentença não foi reflexiva no grupo da Paraíba, diferentemente do grupo de Minas Gerais. Nas condições VRRP - Verbo provável reflexivo com retomada pronominal, o pronome ‘ele (a)’ foi ligado localmente e em VNRP - Verbos prováveis não reflexivos com retomada pronominal - foi ligado a um antecedente fora da sentença, no grupo de Minas Gerais. Os resultados mostram que a leitura foi mais lenta na condição VNRP.

Os dados encontrados por Lacerda (2014) evidenciam que o processamento da resolução da correferência ocorreu em dois estágios. Inicialmente – *bonding* - os princípios da Teoria da Ligação atuaram, porém de modo divergente aos resultados apontados por Nicol & Swinney (1989) e Oliveira et al. (2012), pois no trabalho de Lacerda (2014) houve influência de antecedentes indisponíveis na resolução da correferência, além da influência da semântica do verbo e da variação dialetal. No segundo estágio – *resolution* – ocorreu o processamento dos mecanismos

interpretativos. Diante disto, este trabalho comprovou que tanto fatores sintáticos como semânticos, além da variação dialetal, podem influenciar no processamento sentencial.

Também utilizando as mesmas condições experimentais do experimento de Oliveira, Leitão e Henrique (2012), Oliveira, Leitão e Araújo (2013) realizaram um experimento de leitura automonitorada (*self-paced Reading*), no português brasileiro, analisando o processamento da anáfora “ele(a) mesmo(a)” no domínio da sentença.

Os resultados apontaram que assim como no experimento de Oliveira, Leitão e Henrique (2012), apenas os antecedentes disponíveis guiaram a interpretação da anáfora, excluindo os antecedentes indisponíveis, conforme o Princípio A da Teoria da Ligação. A diferença que se aponta nos resultados do experimento com o “ele(a) mesmo(a)” é a medida *offline*, que revela uma provável influência do traço mais pronominal.

Oliveira, Ferrari e Castor (2014), realizaram um experimento de leitura automonitorada, com falantes nativos do português brasileiro, visando analisar como ocorre o processamento da anáfora “ele mesmo(a)” segmentada. Mediu-se os tempos de leitura do segmento “ele” e do segmento “mesmo” separadamente. A divisão foi realizada para se verificar a provável influência das características do pronome “ele”. Os resultados apontaram que no segmento que se encontrava o pronome “ele” não houve a presença do Princípio B, pois a leitura só foi realizada de maneira completa quando o falante realizou a leitura do segmento “mesmo”, ocorrendo a ligação com o antecedente disponível, conforme postulado pelo Princípio A. Portanto, a anáfora “ele mesmo(a)” possui características de anáfora, e afirma o que prediz a Teoria da Ligação (CHOMSKY, 1961).

Diante destes trabalhos, surgiu a necessidade de investigar como ocorre o processamento da anáfora “a si mesmo(a)” e “se” sob a influência de fatores semânticos estabelecida pelos verbos, bem como encontrar uma classificação mais específica para os verbos considerados reflexivos, já que em todos os trabalhos apresentados acima a escolha dos verbos foi totalmente intuitiva.

4 EXPERIMENTOS

Os experimentos realizados nesta pesquisa buscaram encontrar evidências que comprovem a influência da semântica verbal - verbos ditos reflexivos - em estruturas que continham anáforas, como o ‘a si mesmo(a)’ e o ‘se’, no português brasileiro (PB). Este objetivo foi elaborado diante da necessidade investigativa de observar como as anáforas *a si mesmo(a)* e *se* se comportam diante de tais verbos, uma vez que alguns estudos encontraram influência tanto de fatores sintáticos como de fatores semânticos na aquisição e processamento de expressões anafóricas (GROLLA, 2012; LACERDA, 2014).

Foram realizados três experimentos de julgamento de aceitabilidade, *offline*, no intuito de estabelecer qual verbo é considerado mais aceitável no português brasileiro aliado as anáforas ‘a si mesmo(a)’ e ‘se’.

4.1 Experimento 1

O primeiro experimento, retratado nesta pesquisa, busca realizar um teste julgamento de aceitabilidade para os verbos ditos reflexivos de acordo com os estudos de Christiano (1991) e Mello (2008). Para isto utilizamos os verbos que pertencem aos níveis de reflexividade primário, secundário e terciário, bem como duas anáforas, a saber, ‘a si mesmo(a)’ e ‘se’. A hipótese prevista para este experimento é de que os verbos com maior carga de reflexividade, os primários, seriam mais aceitos do que os demais verbos.

4.1.1 Método

O experimento foi apresentado ao participante em uma folha A4. O teste consistiu em ler as sentenças naturalmente. Elas foram divididas em quinze conjuntos, cada um com três sentenças, sendo uma com a anáfora ‘a si mesmo(a)’, outra com o reflexivo ‘se’ e outra com um SN (Sintagma Nominal), como controle. Utilizamos cinco verbos de cada nível de reflexividade – primário, secundário e terciário – que foram

distribuídos randomicamente entre as frases. A tarefa consistiu em ler as sentenças e enumerá-las: (1) para mais aceitável, (2) para aceitável e (3) para menos aceitável no intuito de verificar qual sentença seria mais aceitável na presença de um verbo com características reflexivas.

4. 1. 2 Materiais

Utilizamos 45 frases experimentais, sendo divididas em 15 conjuntos. Cada conjunto continha uma sentença com a anáfora ‘a si mesmo(a)’, outra com o reflexivo ‘se’ e outra com um SN (sintagma nominal). Após cada sentença o participante enumerava (1) para mais aceitável, (2) para aceitável e (3) para menos aceitável. Abaixo podemos compreender melhor como dividimos as sentenças:

Pergunta	
Classifique as sentenças abaixo de 1 a 3. Não há respostas certas ou erradas. Nós queremos apenas verificar suas intuições sobre as frases. Você não precisa pensar muito sobre cada uma delas. Qual frase dos conjuntos de 1 a 15 você acha mais aceitável?	
Tipo de sentença	Sentenças
Verbos Primários	‘A si mesmo(a)’: Maria penteou a si mesma no terraço da sua casa. SN: Maria penteou a filha no terraço da sua casa. ‘Se’: Maria penteou-se no terraço da sua casa.
Verbos Secundários	‘A si mesmo(a)’: Julia sentou a si mesma na cadeira de balanço. SN: Julia sentou a filha na cadeira de balanço. ‘Se’: Julia sentou-se na cadeira de balanço.
Verbos Terciários	‘A si mesmo(a)’: Simone acusou a si mesma do acidente na avenida. SN: Simone acusou a vítima do acidente na avenida.

	‘Se’: Simone acusou-se do acidente na avenida.
--	--

Tabela 6: *Exemplos das sentenças utilizadas no teste.*

4. 1. 3 Participantes

Participaram do teste de aceitabilidade 35 alunos do curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) - *Campus I* João Pessoa - todos falantes nativos do português brasileiro, com idade média de 26,6 anos (18-62).

4. 1. 4 Resultados e Discussão

Os resultados encontrados neste primeiro experimento, apresentados nos gráficos abaixo, evidenciaram uma maior aceitação das sentenças que contém o reflexivo *se*, independentemente do tipo verbal presente na sentença, anulando a hipótese formulada inicialmente, em que acreditávamos haver uma influência do tipo de verbo na aceitabilidade da sentença. Todos os resultados descritos abaixo foram submetidos à análise de variância (*Anova* e *Teste de Qui-Quadrado de Homogeneidade*).

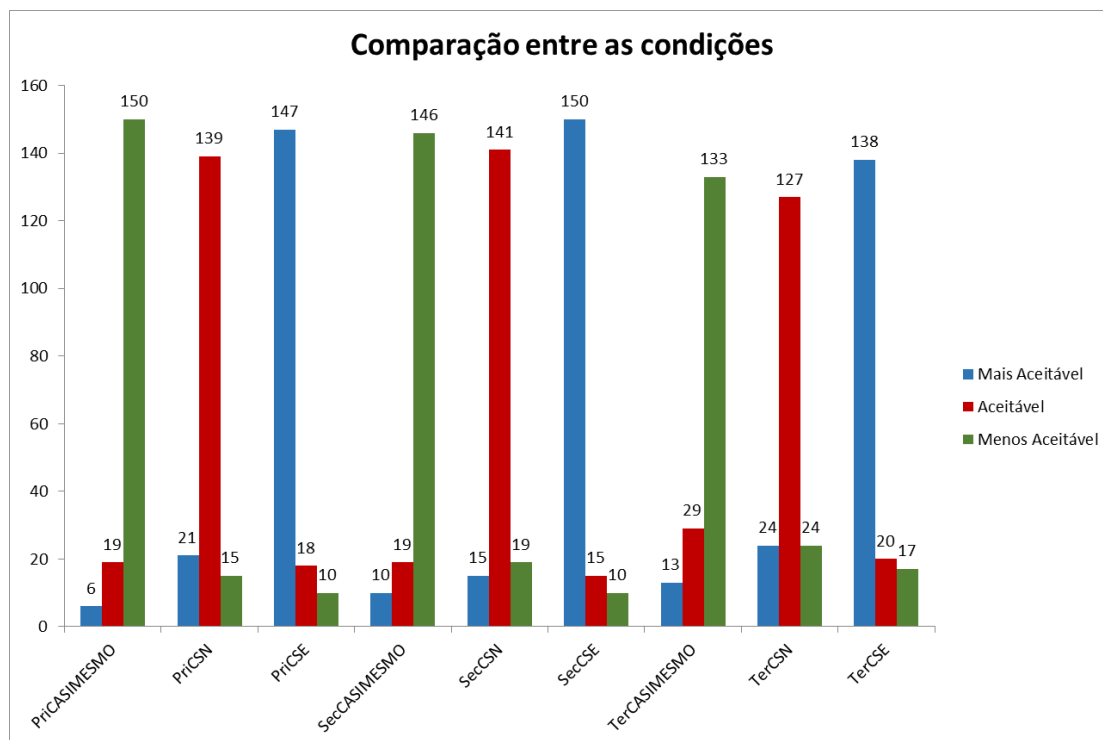


Gráfico 1: Distribuição dos Julgamentos por Condição (absolutos)

A análise estatística (*Teste de Qui-Quadrado de Homogeneidade*) revelou uma diferença significativa entre as condições. Isso indica que ao menos uma das condições experimentais difere das demais, em termos da distribuição dos julgamentos de aceitabilidade. Observando-se o gráfico 1, percebe-se que as condições em que está presente a anáfora “a si mesmo(a)” apresentam o mesmo padrão de distribuição de julgamentos, com uma maior quantidade de julgamentos menos aceitáveis. Já as condições com a anáfora “se”, por sua vez, induzem um maior número de julgamentos mais aceitáveis, independentemente do tipo de verbo empregado. Por fim, as condições em que estão presentes sintagmas nominais induzem uma quantidade maior de julgamentos aceitáveis. Portanto, os mesmos padrões de distribuição de respostas são observados quando se leva em conta as diferentes formas de retomada anafórica, não importando o tipo de verbo empregado. Nota-se, também, que as retomadas anafóricas diferem entre si no que diz respeito à resposta preferencial, com a anáfora “a si mesmo” recebendo preferencialmente julgamentos menos aceitáveis, o “se” recebendo julgamentos mais aceitáveis, e os sintagmas nominais recebendo julgamentos aceitáveis em sua maioria. Tais conclusões podem ser sustentadas por meio da análise estatística comparativa entre as condições, conforme mostrado na tabela abaixo:

Condições Comparadas	Estatística χ^2	p-valor
PriCASIMESMO x PriCSN	209,92	p<0,05
PriCASIMESMO x PriCSE	252,46	p<0,05
PriCSN x PriCSE	188,75	p<0,05
PriCASIMESMO x PriCSE x PriCSN	588,09	p<0,05
SecCASIMESMO x SecCSN	191,77	p<0,05
SecCASIMESMO x SecCSE	241,53	p<0,05
SecCSN x SecCSE	215,01	p<0,05
SecCASIMESMO x SecCSE x SecCSN	590,46	p<0,05
TercCASIMESMO x TerCSN	140,50	p<0,05
TerCASIMESMO x TerCSE	194,83	p<0,05
TercCSN x TercCSE	159,30	p<0,05
TerCASIMESMO x TercCSE x TercCSN	430,21	p<0,05

Tabela 7: Comparação entre as Condições - Teste de Qui-Quadrado

Ao se observar a tabela acima, percebe-se que, ao se compararem as diferentes retomadas anafóricas dentro de cada tipo de verbo analisado, os resultados mostram-se consistentemente significativos. Porém, ao se compararem os tipos de verbo entre si, essas diferenças desaparecem. Isso pode ser tomado como uma evidência de que, na realidade, o tipo de verbo empregado não afeta o julgamento de aceitabilidade feito pelos sujeitos. O que parece afetar a aceitação é, em realidade, o tipo de anáfora empregada, pois os resultados mostram uma discrepância nos julgamentos de cada retomada anafórica, com cada uma delas recebendo uma resposta preferencial que difere das demais. Portanto, observa-se um efeito da variável tipo de retomada, o mesmo não se verificando quando da análise da variável tipo de verbo. A análise dos gráficos abaixo fornece corroborações nesse sentido:

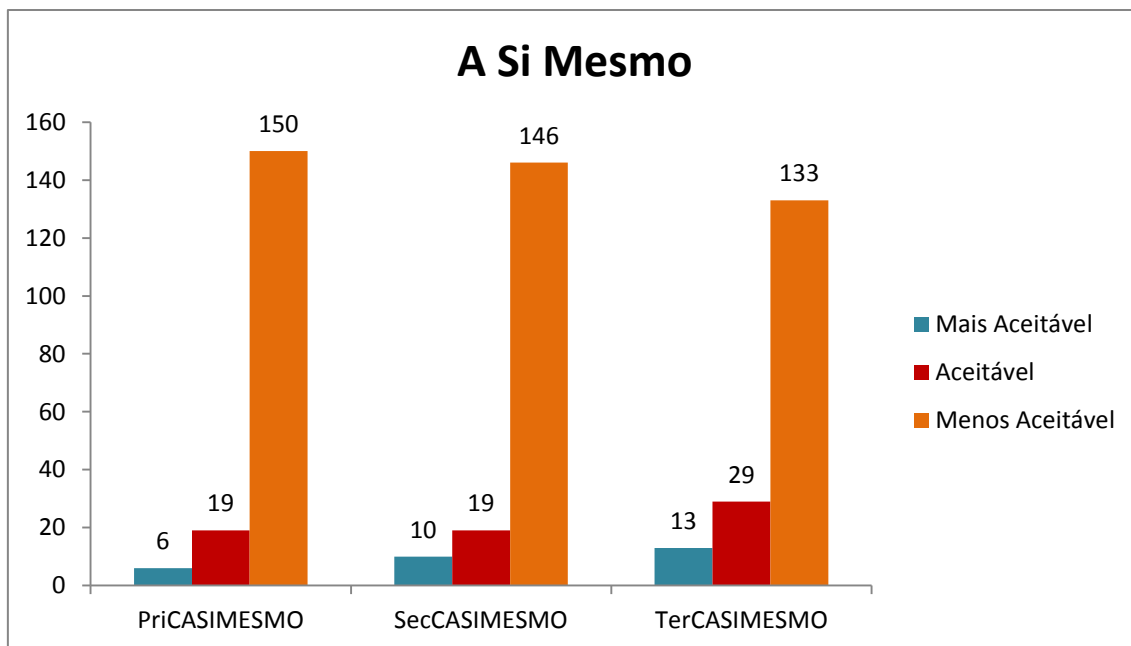


Gráfico 2: Comparação dos julgamentos entre o tipo de verbo e a anáfora 'a si mesmo(a)'.

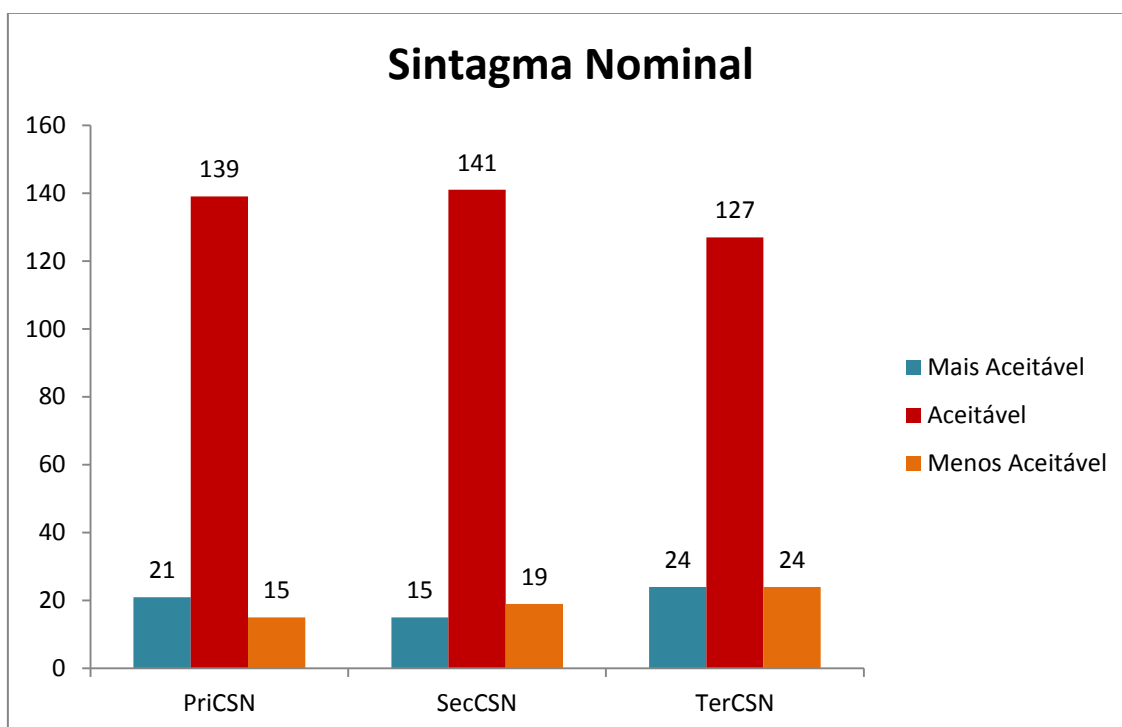


Gráfico 3: Comparação dos julgamentos entre o tipo de verbo e um sintagma nominal.

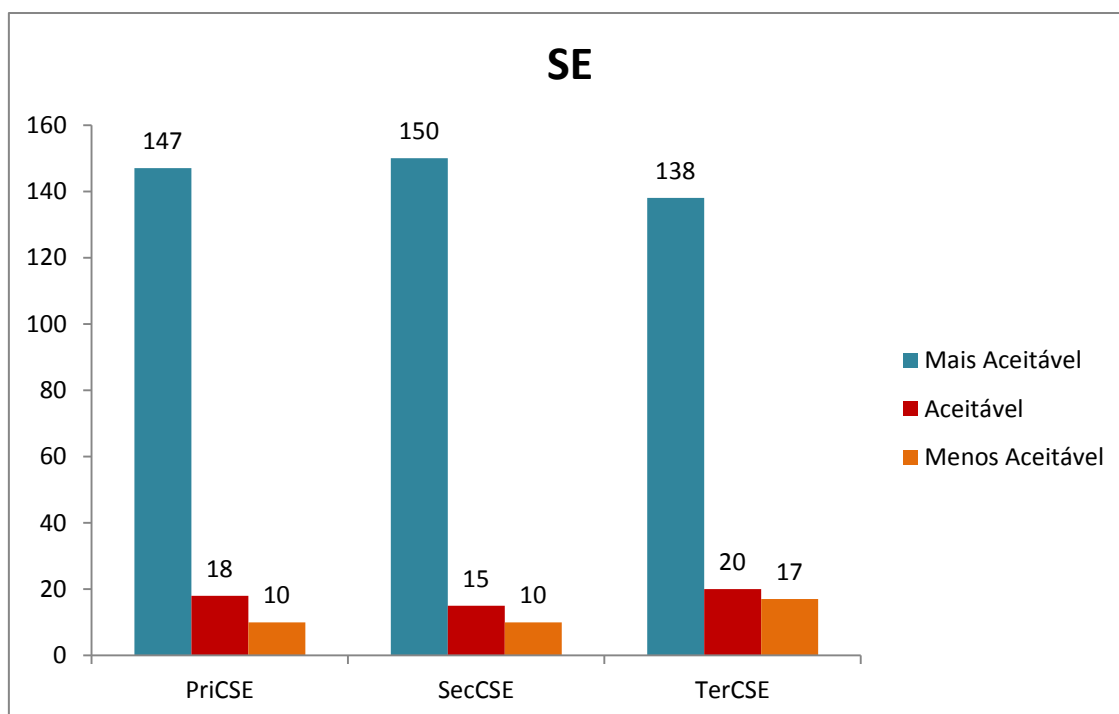


Gráfico 4: Comparação dos julgamentos entre o tipo de verbo e a anáfora 'se'.

Os resultados encontrados neste experimento não corroboraram a hipótese inicialmente formulada. A divisão dos verbos realizada nos trabalhos de Christiano (1991) e Mello (2008) não contribuiu para a aceitação ou não das sentenças inicialmente apresentadas. De modo geral, as sentenças consideradas mais aceitáveis foram aquelas que continham o reflexivo *se* independentemente do tipo de verbo. Sabemos que a natureza das duas anáforas é bem diferente, pois o *se* marca a estratégia reflexiva primária no PB. Acreditamos também que a pouca aceitabilidade das sentenças que contém a anáfora *a si mesmo(a)* pode ter se dado pelo não conhecimento desta forma anafórica, já que é pouco usada pelos falantes do português brasileiro.

4.2 Experimento 2

Com o objetivo de compreender o motivo dos verbos não terem sido levados em consideração no primeiro teste, decidimos realizar um segundo, em busca de verificar a aceitabilidade dos verbos considerados reflexivos de acordo com os trabalhos de Christiano (1991) e Mello (2008). Diante disso também se utilizou dos verbos que pertencem aos níveis de reflexividade: primário, secundário e terciário, e analisou-se a

presença e ausência do reflexivo *se* obedecendo a mesma hipótese investigativa do primeiro experimento.

4. 2. 1 Método

O experimento *offline* foi elaborado pela plataforma *online* Google Forms. Nesse experimento foi solicitado que os participantes lessem, de maneira natural, as sentenças e selecionassem uma opção de acordo com sua intuição. Foi apresentada uma lista com 30 sentenças e em cada uma delas cinco opções: (1) Mais aceitável; (2) Aceitável; (3) Pouco aceitável; (4) Menos aceitável; (5) Não aceitável. Neste teste apresentamos cinco opções de resposta, como forma de deixar mais categórico a escolha da aceitabilidade das frases pelos falantes. O teste foi enviado para cada participante por *email* e no final de cada questionário aparecia a opção ‘enviar’ finalizando o teste.

4. 2. 2 Materiais

Neste experimento o material utilizado foram 30 frases experimentais, dentre estas 15 frases eram com o reflexivo ‘se’ e 15 sem o reflexivo ‘se’, sendo utilizado 5 verbos do tipo primário, 5 verbos do tipo secundário e 5 verbos do tipo terciário, de acordo com a nomenclatura de Christiano (1991) e Mello (2008). Não utilizamos sentenças com a anáfora ‘a si mesmo(a)’, neste segundo experimento, devido ao fato desta ser pouco conhecida pelos falantes nativos do português brasileiro. O teste foi apresentado aos participantes da seguinte forma:

Teste offline

Descrição do formulário

Classifique as sentenças abaixo de 1 a 5. Não há respostas certas ou erradas. Nós queremos apenas verificar suas intuições espontâneas sobre as frases. Você deve marcar de acordo com a classificação a seguir: (1) Mais aceitável (2) Aceitável (3) Pouco Aceitável (4) Menos aceitável (5) Não aceitável.*

1 2 3 4 5

João banhou o filho na piscina do primo. ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

*

1 2 3 4 5

João banhou-se na piscina do primo. ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

Como podemos observar para cada sentença havia cinco opções, tendo o participante que selecionar apenas uma em cada frase.

4. 2. 3 Participantes

Para a elaboração deste trabalho foi feito um experimento *offline* com 40 sujeitos, alunos graduados e graduandos de diferentes cursos da UFPB (Universidade Federal da Paraíba) - *Campus I* João Pessoa, bem como de algumas faculdades particulares da cidade de João Pessoa (PB), com idade entre 18 e 30 anos, todos falantes nativos do português brasileiro.

4. 2. 4 Resultados e Discussão

Os resultados encontrados neste teste, apresentados nos gráficos abaixo, evidenciaram uma maior aceitação dos verbos do nível secundário juntamente com o reflexivo *se*, refutando a hipótese inicialmente formulada de que os verbos do nível primário seriam considerados mais aceitáveis do que os demais. Esses resultados foram submetidos à análise de variância (*Anova* e *Teste de Qui-Quadrado de Homogeneidade*). De modo geral encontramos resultados significativos entre as comparações da presença e ausência da anáfora *se* aliada a verbos do nível secundário.

Comparando os julgamentos de todas as condições verificamos que houve efeito significativo ($p < 0,05$) ente elas. Na condição SecCSE (Verbo secundário com a presença do *se*) temos uma maior aceitabilidade do que as demais, conforme podemos observar nos julgamentos presentes no gráfico abaixo:

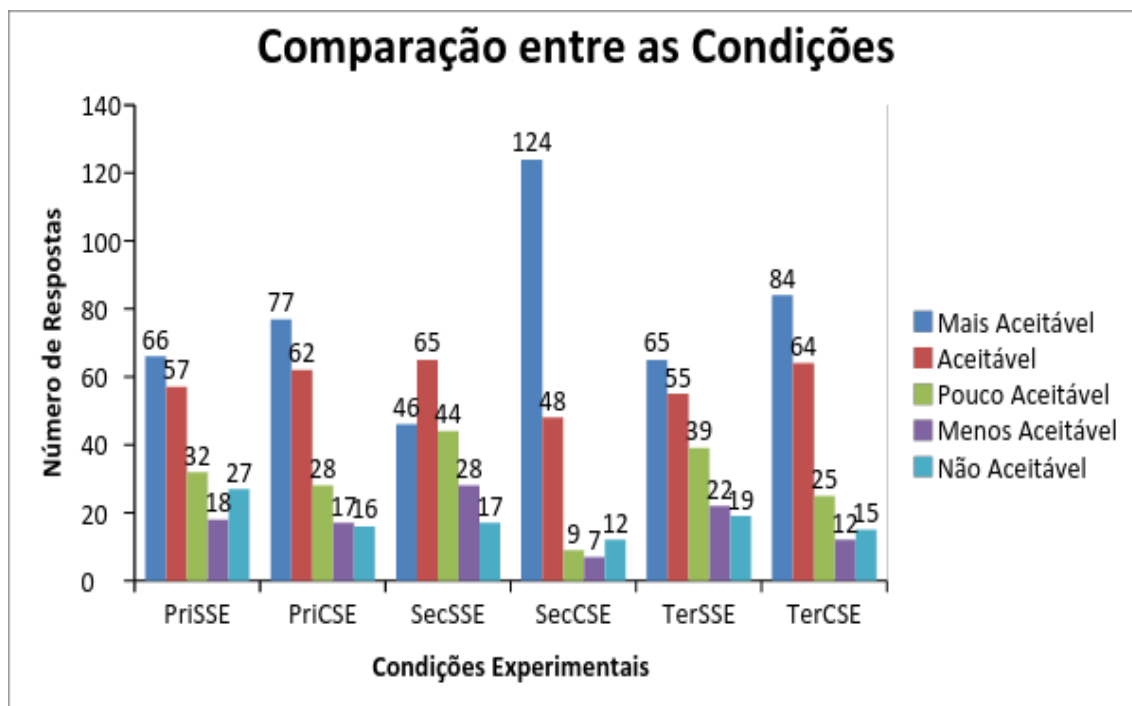


Gráfico 5: Comparação entre as respostas de todas as condições.

Fazendo a análise de todas as respostas observamos que quando havia a presença do verbo secundário juntamente com o reflexivo *se* (SecCSE) os participantes consideraram significativamente mais aceitável do que as demais.

Os verbos que fazem parte do nível secundário são de ação-processo e transitivos, porém quando esses verbos não estão com o pronome *se*, eles acabam assumindo um caráter intransitivo, como afirma Said Ali: “Às vezes a mera supressão do pronome é o bastante para dar ao verbo o perfeito caráter intransitivo (...)” (SAID ALI, 2008, p. 104). Diante da maior aceitabilidade dos verbos secundários com o *se* observamos que estes são forçados por uma transitividade que não possuem, fazendo com que aconteça a maior aceitação quando esses verbos aparecem aliados com o reflexivo *se*.

Quando comparamos os julgamentos com relação ao tipo de verbo observamos que não houve efeito significativo na comparação entre eles ($p > 0,5$), conforme corroborado no gráfico abaixo:

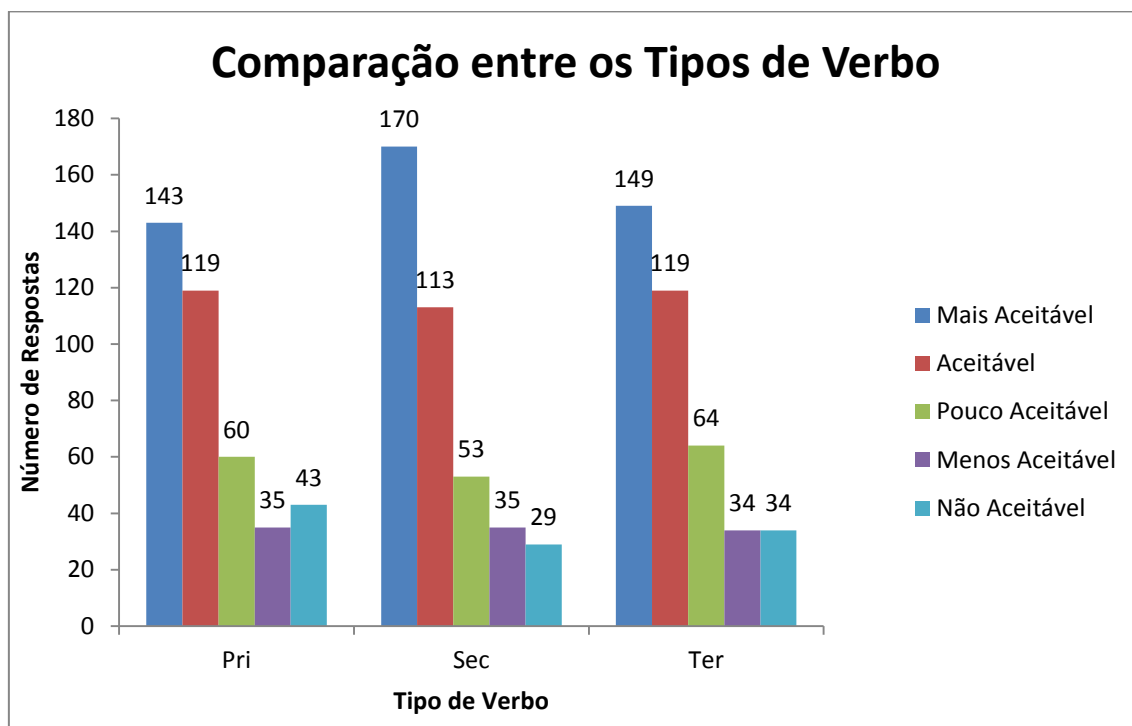


Gráfico 6: Comparação dos julgamentos entre o tipo de verbo.

Comparando os julgamentos verificamos que não houve diferença significativa entre o tipo de verbo ($p > 0,5$). Porém na comparação de todas os julgamentos entre a presença e ausência do *se* a condição sem o *se* foi considerada menos aceitável, com *p*-valor significativo ($p > 0,05$). Vejamos abaixo:

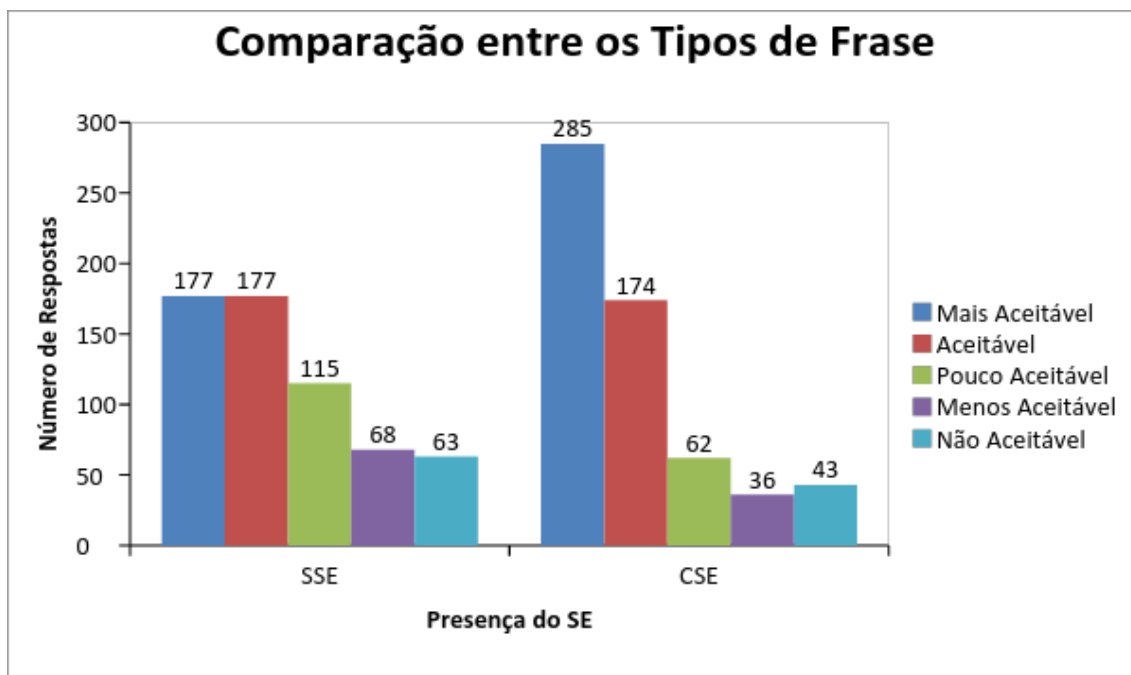


Gráfico 7: Comparação dos julgamentos entre as condições CSE e SSE.

Quando houve a comparação apenas dos julgamentos ‘mais aceitáveis’ e ‘aceitáveis’ com relação à presença e ausência da anáfora *se* e o tipo de verbo não ocorreu nenhuma diferença ($p > 0,16$). Conforme podemos verificar abaixo:

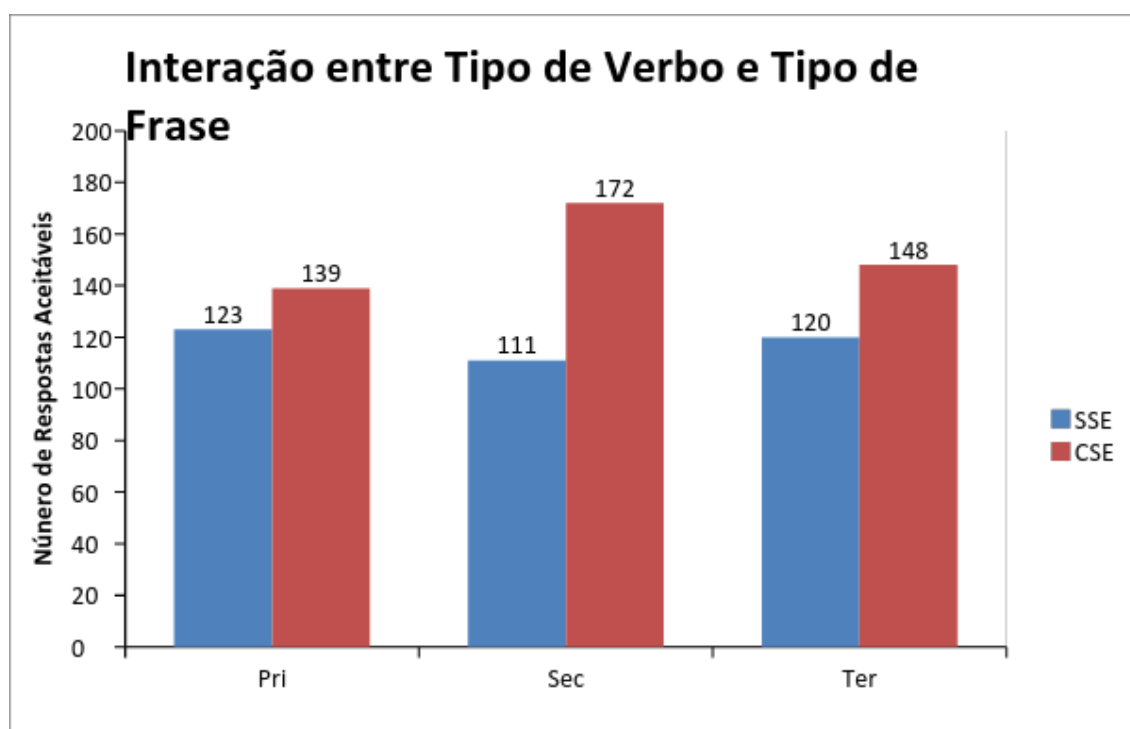


Gráfico 8: Comparação dos julgamentos ‘mais aceitáveis’ e ‘aceitáveis’ com relação ao tipo de verbo e a presença e ausência do *se*.

Por fim, comparamos os julgamentos ‘pouco aceitáveis’, ‘menos aceitáveis’ e ‘não aceitáveis’ com relação à presença e ausência do *se* e verificamos que quando havia a ausência do *se*, as sentenças foram consideradas menos aceitáveis. Observemos:

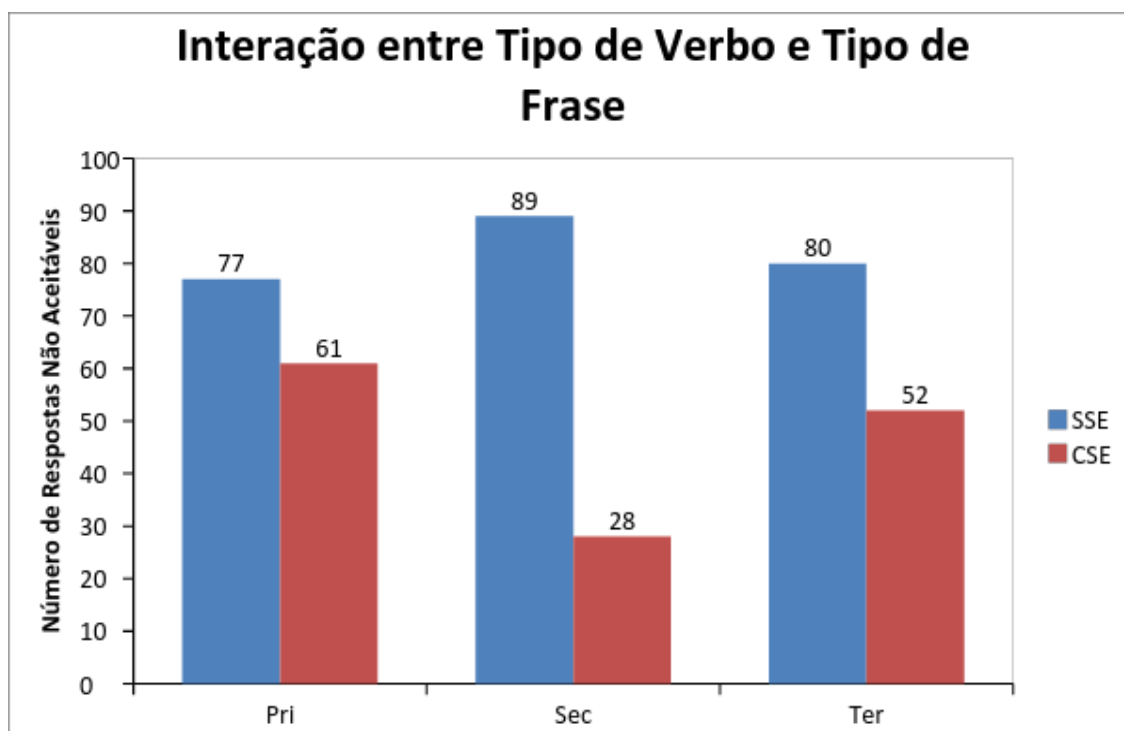


Gráfico 9: Comparação os julgamentos ‘pouco aceitáveis’, ‘menos aceitáveis’ e ‘não aceitáveis’ em relação ao tipo de verbo e a presença e ausência do *se*.

Na comparação dos julgamentos “menos aceitáveis” com relação à presença e ausência do *se* e o tipo de verbo, o efeito foi significativo ($p < 0,05$). Na condição sem o *se* e um verbo do nível secundário foi considerada menos aceitável do que as demais condições, confirmando a explicação da necessidade do reflexivo *se* neste tipo de verbo, pois a ausência deste pronome faz com que o verbo se torne intransitivo.

Assim, fica claro que os resultados apresentados nos gráficos acima refutam a hipótese inicialmente formulada, de que os verbos do nível primário seriam considerados mais aceitáveis do que os demais verbos.

4.3 Experimento 3

No terceiro experimento realizamos um teste de julgamento de aceitabilidade utilizando apenas os verbos do nível de reflexividade secundário de acordo com os estudos de Christiano (1991) e Mello (2008). Para tanto, mudamos o design experimental apresentado nos testes anteriores e dividimos as sentenças em três tipos: presença do verbo secundário com o reflexivo ‘se’ (SecCSE), presença do verbo secundário sem o reflexivo ‘se’ (SecSSE) e uma sentença controle, já que apenas os verbos que pertencem ao grupo secundário influenciaram na decisão dos falantes nos julgamentos feitos anteriormente.

4.3.1 Método

O experimento *offline* foi elaborado através da plataforma *online* Google Forms. Nesse experimento, assim como no anterior, foi solicitado que os participantes lessem, de maneira natural, as sentenças e selecionassem uma opção de acordo com sua intuição. Foram apresentadas uma lista com 30 sentenças e em cada uma delas cinco opções: (1) Mais aceitável; (2) Aceitável; (3) Pouco aceitável; (4) Menos aceitável; (5) Não aceitável. O teste foi enviado para cada participante por *email* e no final de cada questionário aparecia a opção ‘enviar’ finalizando o teste.

4.3.2 Materiais

O material utilizado neste experimento foram 30 frases experimentais, dentre estas 10 frases eram com o reflexivo ‘se’, 10 sem o reflexivo e 10 sentenças como controle. Os verbos de todas as sentenças pertencem ao grupo verbal secundário, conforme a nomenclatura de Christiano (1991) e Mello (2008). Também não se utilizou da anáfora ‘a si mesmo(a)’, neste terceiro experimento. O teste foi apresentado aos participantes da seguinte forma:

Teste offline

Classifique as sentenças abaixo de 1 a 5. Não há respostas certas ou erradas. Nós queremos apenas verificar suas intuições espontâneas sobre as frases. Você deve marcar de acordo com a classificação a seguir: (1) Mais aceitável (2) Aceitável (3) Pouco Aceitável (4) Menos aceitável (5) Não aceitável.

*

	1	2	3	4	5
Matheus levantou-se com a muleta que ganhou.	☐	☐	☐	☐	☐

	1	2	3	4	5
Matheus levantou com a muleta que ganhou.	☐	☐	☐	☐	☐

	1	2	3	4	5
Matheus levantou a mala.	☐	☐	☐	☐	☐

Assim como no experimento anterior o participante deveria selecionar uma opção, dentre as cinco apontadas.

4. 3. 3 Participantes

Participaram deste teste *offline* 30 sujeitos, alunos graduandos de diferentes cursos da UFPB (Universidade Federal da Paraíba) - *Campus I* João Pessoa, bem como de algumas faculdades particulares da cidade de João Pessoa (PB), com idade entre 18 e 30 anos, todos falantes nativos do português brasileiro.

4. 3. 4 Resultados e Discussão

Os resultados do experimento apresentado a seguir, apontam o número de julgamentos para cada condição. Os resultados foram submetidos à análise da variância (*Anova* e *Teste de Qui-Quadrado de Homogeneidade*). Diante dos dados analisados não encontramos efeito significativo com relação ao tipo de verbo e, sim, com relação à retomada anafórica *se*.

Conforme os testes realizados, observamos que o tipo verbal estabelecido nos trabalhos de Christiano (1991) e Mello (2008) não influenciou a aceitação ou não das sentenças com a anáfora *se*. Os resultados apontaram para uma maior aceitabilidade

das sentenças, quando estas possuíam o reflexivo ‘se’, independentemente do tipo de verbo.

Analisando e comparando os julgamentos de todas as condições experimentais (SecCSE; SecSSE e Controle) verificamos uma maior aceitação das sentenças que continham a retomada anafórica ‘se’.

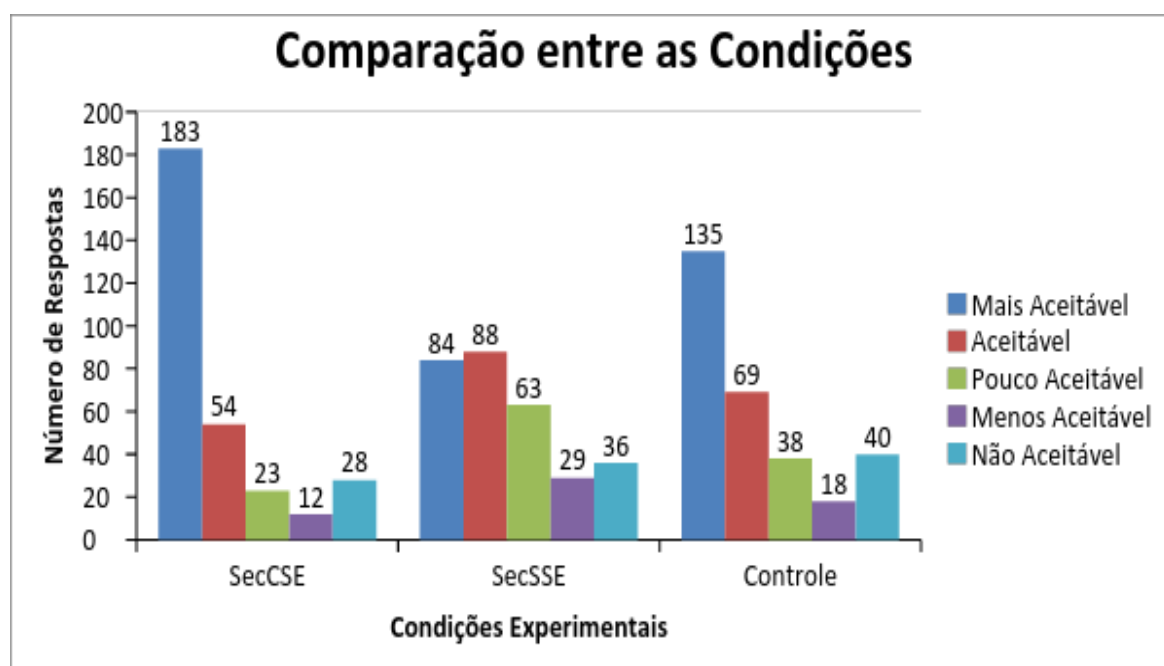


Gráfico 10: Comparação dos julgamentos entre todas as condições.

Assim como na comparação com todas as condições experimentais, apontados na tabela acima, os dados encontrados na comparação entre as condições SecCSE e SecSSE apontaram uma maior aceitação para a condição em que o se estava presente, conforme podemos observar abaixo:

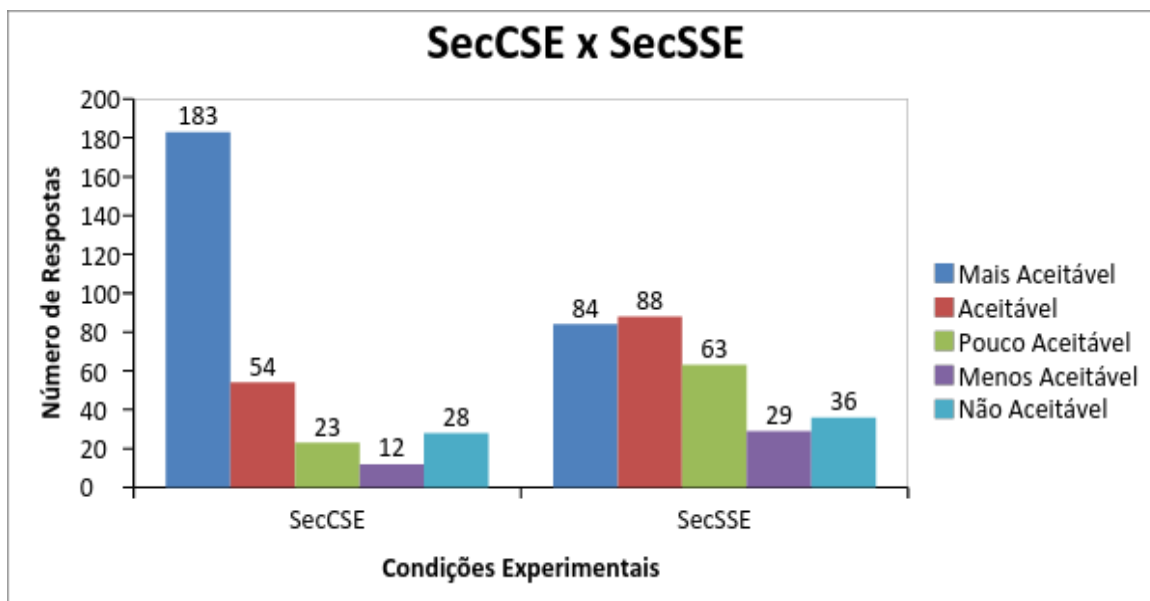


Gráfico 11: Comparação dos julgamentos entre as condições SecCSE e SecSSE.

Analisando os dados encontrados na comparação entre as condições SecCSE e Controle, fica evidente que a anáfora *se* possui características próprias que a tornam reflexiva independentemente do tipo de verbo, ao qual ela se agregue.

Tendo como base os dados apontados anteriormente na comparação entre as condições SecCSE e SecSSE, decidimos comparar como ocorre a aceitabilidade das sentenças com e sem o *se* e a sentença controle. Conforme podemos visualizar abaixo:

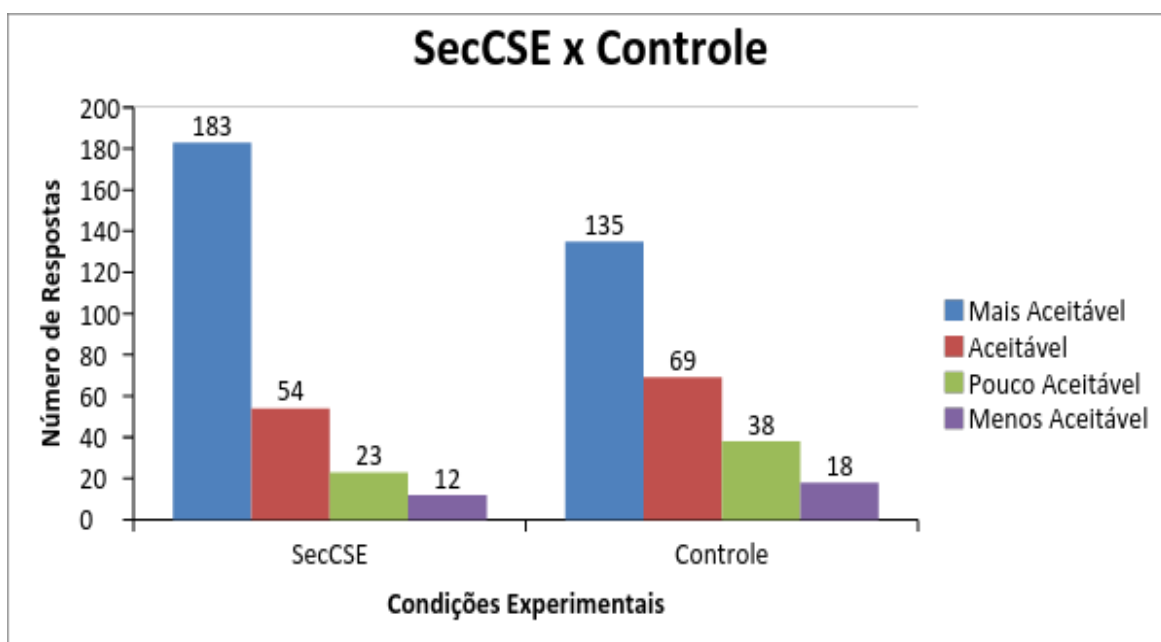


Gráfico 12: Comparação dos julgamentos entre as condições SecCSE e Controle.

Com relação a comparação entre as condições SecCSe e a Controle, verificamos que a condição SecCSE foi considerada mais aceitável, assim como ocorreu na comparação entre SecCSE e SecSSE.

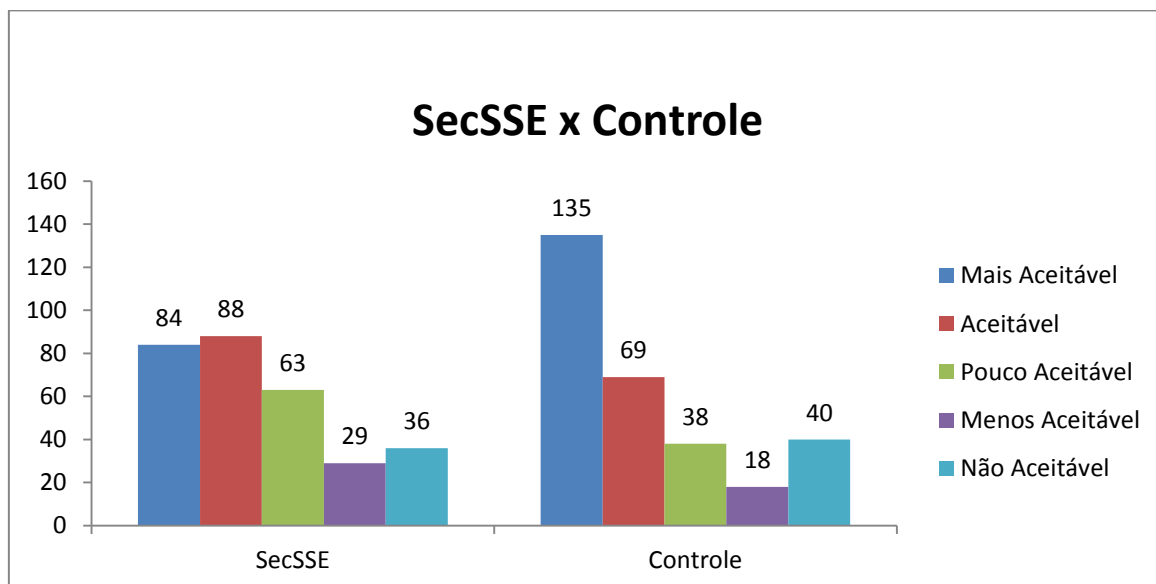


Gráfico 13: Comparação dos julgamentos entre as condições SecSSE e Controle.

Os dados apresentados acima apontam que apenas a condição com a anáfora *se* é considerada mais aceitável pelos falantes nativos do português brasileiro.

5 DISCUSSÃO GERAL

Os resultados obtidos a partir dos testes de julgamento de aceitabilidade –*offline* - afirmam que o maior número de julgamentos mais aceitáveis foram nas condições em que tínhamos a presença da anáfora *se*, independentemente do tipo de verbo - classificação estabelecida nos trabalhos de Christiano (1991) e Mello (2008). De modo geral, a maior aceitabilidade se deu nas condições em que tínhamos um verbo do tipo secundário e a anáfora *se* (SecCSE).

Os resultados encontrados no primeiro experimento apontam que a anáfora *a si mesmo(a)* obteve um menor número de julgamentos aceitáveis – 29 – em relação a – 435 - de julgamentos aceitáveis para a anáfora *se* e 60 das sentenças controle, conforme podemos verificar nos anexos. O menor número de julgamentos para a anáfora *a si mesmo(a)* pode ter se dado pela pouca frequência desta expressão no português brasileiro, fazendo com que o *se* tenha o maior número de julgamentos. Levando em consideração o tipo de verbo, não obtivemos resultados significativos para esta condição, neste primeiro experimento, pois as respostas foram guiadas pela anáfora *se*. Como afirma Brito (2011), a anáfora *se* possui um traço SELF, este traço é definido como semântico e possui a propriedade de reflexivizar o predicado ao qual esteja contido, assim podemos explicar os resultados obtidos neste teste, pois a anáfora *se* reflexiviza o predicado, não havendo a necessidade de obtermos um item lexicalmente reflexivo, neste caso, o verbo, assim como afirma R&R (1993).

Os resultados encontrados no segundo teste de julgamento de aceitabilidade, *offline*, comparando a presença e ausência da anáfora *se* e os verbos – primário, secundário e terciário – apresentaram uma maior aceitação dos verbos secundários aliados a anáfora *se*. Os resultados apontam que os verbos do tipo secundário necessitam da anáfora *se*, uma vez que os verbos que fazem parte deste grupo são de ação-processo, bem como transitivos, mas se tais verbos não são empregados com o pronome *se* acabam por se tornarem intransitivos, assim como nos afirmou Said Ali: “Às vezes a mera supressão do pronome é o bastante para dar ao verbo o perfeito caráter intransitivo (...)” (SAID ALI, 2008, p. 104).

Acreditamos que a maior aceitabilidade dos verbos secundários na presença de um pronome *se*, tenha ocorrido pelo fato desse tipo verbal ser forçado por uma

transitividade que não possui, fazendo com que aconteça a maior aceitação quando esses verbos aparecem aliados ao reflexivo *se*.

Diante dos resultados obtidos em relação ao tipo verbal secundário e a anáfora *se*, decidimos realizar um terceiro teste de julgamento de aceitabilidade, a fim de trazer resultados mais categóricos para o julgamento de sentenças contendo verbos reflexivos e anáforas.

No terceiro experimento observamos que na comparação dos julgamentos de todas as condições, a condição mais aceitável foi SecCSe – secundário com a anáfora *se* – assim como na comparação das condições SeCSE e SecSSE, a escolha se deu pela condição com o reflexivo *se*. Os resultados tangenciaram para uma maior aceitação da anáfora *se*, pelo fato desta ser mais usual, isto é, mais frequente na língua portuguesa, facilitando a escolha dos falantes nativos do português brasileiro.

Comparando a condição SecCSE e uma sentença Controle, a condição mais aceitável foi aquela em que tinha a presença da anáfora *se*, bem como na comparação SecSSE e uma sentença Controle, os resultados tangenciaram para a condição Controle. Os resultados confirmam o que aponta Said Ali sobre a necessidade do tipo verbal secundário necessitar da presença de uma anáfora para que se torne reflexivo.

Diante dos resultados encontrados afirmamos que a semântica do verbo não foi um fator relevante na interpretação das sentenças reflexivas no português brasileiro. Os dados encontrados nesta pesquisa mostram que, apenas, as sentenças que continham os verbos que pertencem ao grupo verbal secundário e a anáfora *se* foram consideradas mais aceitáveis, não pelo fato do verbo ser mais reflexivo, mas pela necessidade da anáfora estar acoplada a ele, ou seja, o tipo verbal secundário foi considerado mais aceitável do que os demais tipos pela presença do reflexivo *se* e, não por possuir características reflexivas, como prevíamos anteriormente.

Acreditamos que as anáforas possuem um grau de reflexividade maior do que o componente reflexivo lexicalmente marcado no verbo, fazendo com que a aceitabilidade tenha se dado pela presença da anáfora e não pela influência da semântica verbal.

Os resultados apontados no último teste de julgamento de aceitabilidade, afirmam uma maior aceitação da anáfora *se*, independentemente do tipo de verbo, assim como encontramos nos testes anteriores. Assim como postula Reinhart e Reuland (1993) e Brito (2011), a anáfora *se* possui um traço SELF no léxico, que a faz

transformar um predicado transitivo em reflexivo. Esses testes apontam que a anáfora *se* possui características intrinsecamente reflexivas que possibilita uma interpretação reflexiva do predicado, independentemente do tipo de verbo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados que apresentamos nesse estudo tiveram como base comprovar a influência de fatores semânticos, como o tipo de verbo, na leitura de sentenças reflexivas contendo as anáforas ‘a si mesmo(a)’ e ‘se’. Para tanto, trouxemos a noção de Reflexividade apontada por Reinhart e Reuland (1993) e os trabalhos de cunho funcionalista de Christiano (1991) e Mello (2008).

Como forma de percorrer os estudos e as bases teóricas que circundam os estudos em processamento anafórico, apresentamos a teoria gerativista de Chomsky (1981), Teoria da Ligação - *Binding Theory* - para mais adiante compreendermos que não são apenas aspectos sintáticos que influenciam no processamento anafórico, no português brasileiro, em especial, mas que outras questões estão envolvidas, como a semântica.

Fundamentados em resultados de estudos sobre a influência do tipo verbal no português brasileiro, Grolla (2012) e Lacerda (2014), predizem que o tipo de verbo – sendo este mais ou menos reflexivo- influencia na aquisição e processamento anafórico, decidimos aprofundar este debate. Outros trabalhos apontam, apenas, a influência de fatores sintáticos no processamento das anáforas, como Nicol & Swinney (1989) – na língua inglesa- e Oliveira et al. (2012) no português brasileiro.

Os resultados apontados nessa pesquisa nos mostram que as sentenças mais reflexivas foram aquelas em que a anáfora *se* estava presente, independentemente do tipo de verbo.

Percebemos que a Teoria da Ligação não é suficiente para explicar a influência de questões semânticas no processamento sentencial com anáforas. Para tanto, recorreremos aos trabalhos de Reinhart e Reuland (1993), que trazem outra definição para predicados reflexivos, pois predizem que a propriedade da reflexividade não está ligada aos nominais, mas sim ao predicado. Embasados nesta perspectiva, confirmamos que não só a posição da anáfora nas sentenças é suficiente para que o predicado se torne reflexivo, mas que seu traço semântico atua na interpretação de sentenças reflexivas.

O estudo de Brito (2011) afirma que o ‘se’ possui um traço SELF, assim como a anáfora ‘a si mesmo(a)’, pois conseguem tornar um predicado transitivo reflexivo. Embora o traço SELF esteja presente nas anáforas, nos testes de julgamento de

aceitabilidade realizados nesta pesquisa, a anáfora ‘se’ foi considerada consideravelmente mais aceitável do que o ‘a si mesmo(a)’. Esses resultados apontam que o uso foi o fator contribuinte na escolha dos falantes entre uma anáfora e outra.

Por fim, acreditamos que fatores semânticos como o traço SELF marcado nas anáforas, como prediz Reinhart e Reuland (1993) e confirmado nos estudos de Brito (2011) foram atuantes na interpretação de sentenças reflexivas.

A pesquisa em questão tem um longo caminho a percorrer, pois os estudos que regem o processamento de anáforas e a influência semântica necessitam de um olhar mais aguçado. Assim, pretendemos realizar, em pesquisas futuras, testes online de leitura automonitorada, para uma medição mais exata das questões que regem o processamento anafórico e a semântica verbal.

REFERÊNCIAS

- ALI, M. Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. ABL: Biblioteca Nacional. (Coleção Antônio de Morais Silva, v. 7). Rio de Janeiro, p. 260, 2008.
- BADECKER, W.; STRAUB, K. *The processing role of structural constraints on the interpretation of pronouns and anaphors*. Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition, 2002.
- BERTOLINO, K. G.; GROLLA, E. *O pronome "ele" está sujeito ao princípio B? Uma discussão sobre os resultados experimentais*. Revista Linguística/ Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. V. 8, n. 2, 2012.
- BRITO, D. B. S. *O se reflexivo no português brasileiro*. 2009. 113 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Alagoas. Maceió.
- BRITO, D. B. S. *Predicados reflexivos e compartilhamento de traços*. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), v. 40, p. 220-230, 2011a.
- BRITO, D. B. S. *Propriedades Referenciais do Reflexivo SE no Português Brasileiro*. Leitura (UFAL), v. 1, p. 92-108, 2011b.
- CAMACHO, R. G. *Em defesa da categoria de voz média no português*. In: DELTA, v. 19, n. 1, 2003, p. 91-122.
- CHOMSKY, A. N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, A. N. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. London, UK: Praeger, 1986.
- CHOMSKY, A. N. *The Minimalist Program*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- CLIFTON, C.; KENNISON, S. M.; ALBRECHT, J. E. *Reading the words him and her: Implications for parsing principles based on frequency and on structure*. Journal of Memory and language, 1997.
- CHRISTIANO, M. E. A. *As estruturas reflexivas em português e seu tratamento na gramática dos casos profundos*, 1991. Tese. (Doutorado em Linguística). UNESP, Araraquara.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *História da linguística*. 6ed. Traduzido por Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Editora: Vozes, Petrópoles, 1975.
- FALTZ, L. *Reflexivition: a Study in Universal Grammar*. New York: Garland, 1985.
- DALBERIO, Osvaldo. Dalberio, Maria. *Metodologia Científica: desafios e caminhos*. Paulus, São Paulo, 2009.

FERRARI-NETO, J. *Minimalismo em um enfoque psicolinguístico: os princípios de ligação e sua atuação no processamento on-line da correferência*. No prelo.

FERRARI, José. SILVA, Cláudia (org.). *Programa Minimalista em foco: princípios e debates*. Editora CRV, Curitiba, 2012.

FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à linguística*. Vol.I. Obejtos teóricos. Editora: Contexto, São Paulo, 2006.

GROLLA, E. & BERTOLINO, K. *A proforma 'ele' com antecedente local em português brasileiro adulto e infantil*. In: *Estudos da Linguagem: casamento entre temas e perspectivas*. Org.: da Hora, D.& Negrão, E. João Pessoa: Editora Ideia/Editora Universitária da UFPB. 2011.

GROLLA, Elaine. *Estratégias infantis na aquisição da expressão "Ele Mesmo" em Português Brasileiro*. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. V. 8, n. 2, 2012.

KENEDY, Eduardo. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2013.

KENNISON, S. *Comprehending the pronouns her, him, and his: implications for theories of referential processing*. *Journal of Memory and Language*, 2003.

LACERDA, M. C.; *O Processamento da Anáfora se em Português Brasileiro: comparando dados de Minas Gerais e Paraíba*. Dissertação de Mestrado, João Pessoa, 2014.

LACERDA, M. C.; OLIVEIRA, R.; LEITÃO, M. *O processamento da anáfora intra-sentencial em português brasileiro*. *Fórum Linguístico*, 2014.

LEITÃO, M. M. *Psicolinguística Experimental: focalizando o processamento da linguagem*. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.) *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 217-233.

LEITÃO, M.; PEIXOTO, P.; SANTOS, S. *Processamento da correferência intra-sentencial em português brasileiro*. *Veredas on-line*, 2008, p. 50- 61.

MAIA, M.; GARCIA, D.; OLIVEIRA, C. *The processing of conceptual anaphors and fully specified pronouns in intrasentential contexts in Brazilian Portuguese*. *ReVEL*, specialissue n.6, 2012.

MELLO. F. R. *O clítico reflexivo em manuscritos do século XIX: Uma análise funcional*. *Revista Prolíngua*, 2008, p. 36-46.

MELLO. F. R. *Acabou-se o que era doce. Quem comeu se regalou-se: Uma análise do clítico se em João Pessoa na interface Sociolinguística/Gramaticalização*, 2009. Tese. (Doutorado em Linguística). UFPB, João Pessoa.

MIOTO, C; SILVA, M. C.; VASCONCELLOS, R. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 4ª ed., 2010.

- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. (Orgs.) *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. Vol.III. 5.ed. Editora: Cortez, São Paulo, 2011.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. (Orgs.) *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. Vol. II. Editora: Cortez, São Paulo, 2001.
- NICOL, J.; SWINNEY, D. *The role of structure in coreference assignment during sentence comprehension*. *Journal of Psycholinguistic Research*, 1989. p. 5-20.
- OLIVEIRA, R. C.; LEITÃO, M. M.; HENRIQUE, J. G. *A influência dos antecedentes vinculados e não vinculados no processamento da anáfora 'a si mesmo(a)'*. *Linguística*, v.8, n. 2, 2012, p. 115-134.
- OLIVEIRA, R. C.; LEITÃO, M. M.; ARAÚJO, E. *A influência dos antecedentes vinculados e não vinculados no processamento da anáfora "ele (a) mesmo (a)"*. *Revista do Gelne, Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste*, v. 5, n. 1 e 2, Natal: UFRN, 2013, p. 115-134.
- OLIVEIRA, R.; FERRARI, J.; CASTOR, J. B. *A influência dos antecedentes disponíveis e não-disponíveis no processamento da anáfora "ele (a) mesmo (a)" em português brasileiro (PB)*. *Revista Letrônica*, revista digital do PPGL da PUCRS. *Psicolinguística & escritas migrantes na literatura contemporânea*. V. 7, n. 1. 2014.
- RAPOSO, E. P. *Teoria da Gramática: A Faculdade da Linguagem*. Editorial Caminho, SA, Lisboa, 1992.
- REINHART, T. *Coreference and Bound Anaphora: a restatement of the anaphora questions*. *Linguistics and Philosophy*, v. 6, 1983, p. 47-88.
- REINHART, T.; REULAND, E. *Reflexivity*. *Linguistic Inquiry*, n. 24, 1993, p. 657-720.
- REULAND, E. *Primitives of binding*. *Linguistic Inquiry*. V32, 2001, p 439-492.
- REULAND, E. (2011). *Anaphora and language design*. MIT Press.
- STURT, P. *The time-course of the application of binding constraints in reference resolution*. *Journal of Memory and Language*, 2003.

APÊNDICE1

Os materiais utilizados para o experimento 1, 2 e 3 são apresentados abaixo. Utilizou-se nas sentenças do primeiro experimento os verbos dos tipos: primário, secundário e terciário; e as anáforas: *a si mesmo(a)* e *se*. As sentenças do segundo experimento foram utilizadas os mesmos verbos do primeiro teste e a anáfora *se*, observando a sua ausência e presença. As sentenças do terceiro experimento foram compostas, apenas, dos verbos do tipo secundário, bem como da ausência e presença da anáfora *se* e uma sentença controle.

Sentenças do primeiro experimento:

FRASES COM VERBOS PRIMÁRIOS

1. a) Maria penteou a si mesma no terraço da sua casa.
b) Maria penteou a filha no terraço da sua casa.
c) Maria penteou-se no terraço da sua casa.
2. a) Karol banhou a si mesma na piscina da vizinha.
b) Karol banhou a irmã na piscina da vizinha.
c) Karol banhou-se na piscina da vizinha.
3. a) Pedro vestiu a si mesmo na varanda do seu apartamento.
b) Pedro vestiu o amigo na varanda do seu apartamento.
c) Pedro vestiu-se na varanda do seu apartamento.
4. a) José cobriu a si mesmo com o cobertor de algodão.
b) José cobriu o pai com o cobertor de algodão.
c) José cobriu-se com o cobertor de algodão.
5. a) João distraiu a si mesmo com o filme do peixe.
b) João distraiu a mulher com o filme do peixe.
c) João distraiu-se com o filme do peixe.

FRASES COM VERBOS SECUNDÁRIOS

6. a) Julia sentou a si mesma na cadeira de balanço.
b) Julia sentou a filha na cadeira de balanço.
c) Julia sentou-se na cadeira de balanço.

7. a) Pedro ajoelhou a si mesmo na escadaria da igreja.
b) Pedro ajoelhou a menina na escadaria da igreja.
c) Pedro ajoelhou-se na escadaria da igreja.
8. a) Maria calou a si mesma na conversa com a vizinha.
b) Maria calou a tia na conversa com a vizinha.
c) Maria calou-se na conversa com a vizinha.
9. a) João deitou a si mesmo na varanda da sua casa.
b) João deitou a prima na varanda da sua casa.
c) João deitou-se na varanda da sua casa.
10. a) Mateus levantou a si mesmo com a muleta que ganhou.
b) Mateus levantou a perna com a muleta que ganhou.
c) Mateus levantou-se com a muleta que ganhou.

FRASES COM VERBOS TERCIÁRIOS

11. a) Simone acusou a si mesma do acidente na avenida.
b) Simone acusou a vítima do acidente na avenida.
c) Simone acusou-se do acidente na avenida.
12. a) Lucas aborreceu a si mesmo com a festa da escola.
b) Lucas aborreceu a mãe com a festa da escola.
c) Lucas aborreceu-se com a festa da escola.
13. a) Victória ofendeu a si mesma com o resultado da prova.
b) Victória ofendeu a professora com o resultado da prova.
c) Victória ofendeu-se com o resultado da prova.
14. a) Simone irritou a si mesma com a novela das nove.
b) Simone irritou a vizinha com a novela das nove.
c) Simone irritou-se com a novela das nove.
15. a) Carol assustou a si mesma com a roupa de bruxa.
b) Carol assustou a Luiza com a roupa de bruxa.
c) Carol assustou-se com a roupa de bruxa.

Sentenças do segundo experimento:

FRASES COM VERBOS PRIMÁRIOS

- 1) João banhou o filho na piscina do primo.
João banhou-se na piscina do primo.
- 2) Maria penteou a filha no terraço da sua casa.
Maria penteou-se no terraço da sua casa.
- 3) Julia jogou o lixo no corredor da casa.
Julia jogou-se no corredor da sala.
- 4) Karol vestiu a boneca na varanda do seu apartamento.
Karol vestiu-se na varanda do seu apartamento.
- 5) Maria queixou a prima do programa de Tv.
Maria queixou-se do programa de Tv.

FRASES COM VERBOS SECUNDÁRIOS

- 1) Mateus levantou a perna com a muleta que ganhou.
Mateus levantou-se com a muleta que ganhou.
- 2) Pedro ajoelhou a menina na escadaria da igreja.
Pedro ajoelhou-se na escadaria da igreja.
- 3) João deitou a prima no sofá da sua casa.
João deitou-se no sofá da sua casa.
- 4) Maria calou a tia na conversa com a vizinha.
Maria calou-se na conversa com a vizinha.
- 5) Joana sentou o filho no degrau da escada.
Joana sentou-se no degrau da escada.

FRASES COM VERBOS TERCIÁRIOS

- 1) Simone irritou a vizinha com a novela das nove.
Simone irritou-se com a novela das nove.
- 2) Victória acusou a vítima do acidente na avenida.
Victória acusou-se do acidente na avenida.

- 3) Fábio aborreceu a mãe com a festa da escola.
Fábio aborreceu-se com a festa da escola.
- 4) Carol assustou Luiza com a roupa de bruxa.
Carol assustou-se com a roupa de bruxa.
- 5) Gabriel culpou a professora do resultado da prova.
Gabriel culpou-se do resultado da prova.

Sentenças do terceiro experimento:

- 1) Matheus levantou-se com a muleta que ganhou.
Matheus levantou com a muleta que ganhou.
Matheus levantou a mala.
- 2) Pedro ajoelhou-se na escadaria da igreja.
Pedro ajoelhou na escadaria da igreja.
Pedro ajoelhou a mãe na escadaria.
- 3) João deitou-se no sofá da sua casa.
João deitou no sofá da sua casa.
João deitou a filha no sofá.
- 4) Maria calou-se na conversa com a vizinha.
Maria calou na conversa com a vizinha.
Maria calou a sociedade.
- 5) Joana sentou-se no degrau da escada.
Joana sentou no degrau da escada.
Joana sentou a menina na escada.
- 6) Victória casou-se na igreja do centro.
Victória casou na igreja do centro.
Victória casou de vermelho.
- 7) Ana cortou-se com o alicate de unha.
Ana cortou com o alicate de unha.
Ana cortou a mão.

8) Fábio acordou-se na sala ontem.

Fábio acordou na sala ontem.

Fábio acordou ontem.

9) Marcos divorciou-se no cartório semana passada.

Marcos divorciou no cartório semana passada.

Marcos divorciou ontem.

10) Flávia formou-se em letras ano passado.

Flávia formou-se em letras ano passado.

Flávia formou o jogo.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a),

Esta pesquisa é sobre a influência da reflexividade verbal no processamento anafórico e está sendo desenvolvida por **Judithe Genuíno Henrique**, aluna de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Professora Doutora **Rosana Costa de Oliveira**.

O objetivo do estudo é investigar se a semântica do verbo influencia na leitura de sentenças reflexivas.

A finalidade deste trabalho é contribuir para a compreensão dos processos cognitivos envolvidos na leitura de elementos correferenciais e na leitura de palavras, fazendo com que possamos no futuro criar mecanismos de aprendizado que facilitem o processo de leitura dos indivíduos.

Solicitamos a sua colaboração para a tarefa de leitura de frases e palavras na tela de um computador, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de letras e de linguística e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Informamos que essa pesquisa não oferece riscos para a sua saúde, pois você terá apenas que ler algumas frases e palavras em frente de uma tela de computador e responder a algumas perguntas referentes a essas frases.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável: judithegh@gmail.com

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o(a) pesquisador(a).

Telefone: (83) 99807-8484

Comitê de Ética em Pesquisa da UFPB:

Campus I – Cidade Universitária – Bloco Arnaldo

Tavares – Sala 812-

1º andar – CCS. Telefone: 83- 3216-7791.

E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

Horário de Funcionamento: 08:00 às 12:00 e das 14:00 às 17:00 horas

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

ANEXOS

Anexo 1: Tabelas experimentais referentes ao primeiro experimento:

<i>Tabela Cruzada</i>	<i>PriC</i> <i>ASIMESMO</i>	<i>PriCSN</i>	<i>PriCSE</i>	<i>SecC</i> <i>ASIMESMO</i>	<i>SecCSN</i>	<i>SecCSE</i>	<i>TerC</i> <i>ASIMESMO</i>	<i>TerCSN</i>	<i>TerCSE</i>	<i>Total</i>
Mais Aceitável	6	21	147	10	15	150	13	24	138	524
Aceitável	19	139	18	19	141	15	29	127	20	527
Menos Aceitável	150	15	10	146	19	10	133	24	17	524
Total	175	175	175	175	175	175	175	175	175	1575

Distribuição dos Julgamentos por Condição (absolutos) do Experimento 1

<i>Tabela Cruzada (%)</i>	<i>PriCASIMESMO</i>	<i>PriCSN</i>	<i>PriCSE</i>	<i>SecCASIMESMO</i>	<i>SecCSN</i>	<i>SecCSE</i>	<i>TerCASIMESMO</i>	<i>TerCSN</i>	<i>TerCSE</i>
Mais Aceitável	3,43	12,00	84,00	5,71	8,57	85,71	7,43	13,71	78,86
Aceitável	10,86	79,43	10,29	10,86	80,57	8,57	16,57	72,57	11,43
Menos Aceitável	85,71	8,57	5,71	83,43	10,86	5,71	76,00	13,71	9,71

Distribuição dos Julgamentos por Condição (percentuais) do Experimento 1

<i>Teste Qui-Quadrado</i>	
Estatística X ²	1608,83112
Graus de Liberdade	16
P-Valor	0

Resultado do Qui-Quadrado do Experimento 1

Anexo 2: Tabelas experimentais referentes ao segundo experimento:

Tabela Cruzada	PriSSE	PriCSE	SecSSE	SecCSE	TerSSE	TerCSE	Total
Mais Aceitável	66	77	46	124	65	84	462
Aceitável	57	62	65	48	55	64	351
Pouco Aceitável	32	28	44	9	39	25	177
Menos Aceitável	18	17	28	7	22	12	104
Não Aceitável	27	16	17	12	19	15	106
Total	200	200	200	200	200	200	1200

Distribuição dos Julgamentos por Condição (absolutos) do Experimento 2

Proporcao da Tabela	PriSSE	PriCSE	SecSSE	SecCSE	TerSSE	TerCSE
Mais Aceitável	0,055	0,064166667	0,038333333	0,103333333	0,054166667	0,07
Aceitável	0,0475	0,051666667	0,054166667	0,04	0,045833333	0,053333333
Pouco Aceitável	0,026666667	0,023333333	0,036666667	0,0075	0,0325	0,020833333
Menos Aceitável	0,015	0,014166667	0,023333333	0,005833333	0,018333333	0,01
Não Aceitável	0,0225	0,013333333	0,014166667	0,01	0,015833333	0,0125

Distribuição dos Julgamentos por Condição (percentuais) do Experimento 2

Teste Qui-Quadrado	
Estatística X ²	97,32253791
Graus de Liberdade	20
P-Valor	3,78482E-12

Resultado do Qui-Quadrado do Experimento 2

Anexo 3: Tabelas experimentais referentes ao terceiro experimento:

<i>Tabela Cruzada</i>	<i>SecCSE</i>	<i>SecSSE</i>	<i>Controle</i>	<i>Total</i>
Mais Aceitável	183	84	135	402
Aceitável	54	88	69	211
Pouco Aceitável	23	63	38	124
Menos Aceitável	12	29	18	59
Não Aceitável	28	36	40	104
Total	300	300	300	900

Distribuição dos Julgamentos por Condição (absolutos) do Experimento 3

<i>Proporcao da Tabela</i>	<i>SecCSE</i>	<i>SecSSE</i>	<i>Controle</i>
Mais Aceitável	0,203333333	0,093333333	0,15
Aceitável	0,06	0,097777778	0,076666667
Pouco Aceitável	0,025555556	0,07	0,042222222
Menos Aceitável	0,013333333	0,032222222	0,02
Não Aceitável	0,031111111	0,04	0,044444444

Distribuição dos Julgamentos por Condição (percentuais) do Experimento 3

<i>Teste Qui-Quadrado</i>	
Estatística X ²	74,30924643
Graus de Liberdade	8
P-Valor	6,78191E-13

Resultado do Qui-Quadrado do Experimento 3